

## 2. Presente passado: dissolução

Pretendo voltar à História do Brasil, mas sem gosto, como um boi que vai para o açougue. No prólogo de Fausto há um verso que sempre me comove: como Goethe, não terei o livro lido por aqueles que mais quisera. E, além disso, a questão terebrante: o povo brasileiro é um povo novo ou um povo decrépito? E os fatos idealizados pelo tempo valem mais que os passados atualmente?

Carta a Mário de Alencar<sup>1</sup>

Se em um primeiro momento a proposta deste texto foi seguir os pontos principais da argumentação dos *Capítulos de História Colonial*, buscando compreender como se estabelece a sensação de precariedade e inacabamento, fruto da fragilidade da agência humana; neste segundo momento, a análise será um pouco mais direcionada às suas cartas. Esse deslocamento do objeto de estudo, que não ocorrerá por completo, não implica o abandono das questões que foram consideradas na primeira parte deste trabalho, nem diminui a importância dos *Capítulos* para esta argumentação. Pelo contrário, intensifica sua importância na trajetória de vida de Capistrano pelo conjunto de apontamentos que se referem a ele. Além disso, o tipo jesuíta encarna, em sua argumentação, valores que o próprio Capistrano seguia, recomendava e visualizava naqueles que eram objeto de sua admiração, como o conterrâneo José de Alencar, por exemplo. Em outras palavras, há uma imagem do passado constituída em sua narrativa histórica que é parte integrante de sua “automodelagem”.

Conforme as reflexões de Stephen Greenblatt sugerem, ao antropocentrismo renascentista se agregou, no século XVII, uma concepção artesanal de identidade humana, passando-se a tomá-la como um “artefato”, ou seja, como um domínio do homem sobre a natureza. O autor, ao lidar com o período renascentista, analisa que por “automodelagem” deve-se compreender o artifício presente na constituição da identidade do sujeito, como uma específica forma de investimento presente em difusas estruturas de significado, característicos modos de expressão e padrões narrativos recorrentes. “Automodelagem é a versão da renascença dos mecanismos de controle, a criação de um sistema cultural de

<sup>1</sup> Carta de Capistrano de Abreu para Mario de Alencar 18/01/1911 In: ABREU, Capistrano de *Correspondência v. 1* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977. p.226.

significados que cria indivíduos singulares para governar a passagem do potencial abstrato para o histórico”<sup>2</sup>. Nesta senda, pode-se compreender por modelagem a construção de uma personalidade distinta, uma característica que endereça para o mundo, um modo mais consistente de perceber-se e comportar-se<sup>3</sup>. A modelagem é um investimento construído pelo próprio indivíduo visando uma intervenção no exterior, ao mesmo tempo em que define uma feição para si.

Cabe considerar que Greenblatt pondera acerca da atuação de Thomas More, inicialmente, em tempos inconstantes e incertos, na corte renascentista, onde estavam se remodelando as relações entre intelectualidade e poder. Tempo incertos que Capistrano também vivenciou e estão expressos, de maneira instigante, na pergunta acerca da formação ou dissolução. Esta segunda parte da dissertação matizará, então, a dúvida presente na pergunta que serve de epígrafe para este segundo instante. Inicialmente, será feita a problematização do que Capistrano compreendia como momento de “transição”, os fatos “passados atualmente”. As colocações onde ela se insere caracterizam menos uma possível esperança de futuro, mas a constatação de que vivia um presente movediço, construído pela turva percepção do passado e intuição do futuro, atestado na permanência da sensação de desconcerto. Mas, aguçando a força da pergunta, - acerca da “formação ou dissolução” - ao descrever o solo em que vivia como instável, não questiona simplesmente a ordem objetiva, mas o próprio referencial do observador: o valor do conhecimento histórico.

Em outro instante, mas dialogando de maneira intensa com o precedente, pretende-se investigar os diferentes caminhos pelos quais Capistrano de Abreu modelou sua personalidade em sua epistolografia. Ao privilegiar o período posterior a 1907 argumenta-se, nesta análise, que sua construção de subjetividade investe na constância e na metrificação dos atos, como a maneira privilegiada de se dissociar de um presente assolado pela turbulência e disritmia das ações, tendo na prudência, modéstia e distanciamento valores incorporados ao seu próprio artifício da composição do *self*.

---

<sup>2</sup> GREENBLATT, Stephen *Renaissance self-fashioning. From More to Shakespeare*, Chicago & London. 1980. p.3

<sup>3</sup> Idem p. 2

## 2.1 Formação e Dissolução

Apesar da percepção do cotidiano em distúrbio ser uma referência comum durante os anos iniciais do período republicano, uma observação detida na composição dos argumentos de Capistrano permite captar em que sintonia ocorreu aquela pergunta acerca da questão “formação ou dissolução”. A passagem selecionada da carta enviada para Mário de Alencar, anteriormente citada e datada de 1911, está em diálogo com outra missiva enviada ao mesmo interlocutor. Acompanhando-a é possível observar algo do movimento do seu pensamento após 1907. Ao tecer uma resposta à pergunta proposta pelo filho de José de Alencar, explicitava o que pretendia com a língua bacairi, bem como explicitava os problemas que tinha de enfrentar, uma vez que possuía outros projetos concomitantes.

Outro dia trouxe da Biblioteca Nacional os cadernos bacairis que encontrei. Ou apenas uma parte mínima, talvez um sexto. Não voltei ainda para ver se aparece mais, porque, contando sempre com a pior hipótese, adio a decepção. Os cadernos trazidos são exatamente os primeiros que escrevi. Quase todos tem tradução interlinear. Compreendo a gramática melhor que em outro tempo, mas faltam-me muitos significados. Infelizmente não tratei do vocabulário em tempo, nem era fácil, porque substantivo e verbo vêm acompanhados geralmente de prefixos móveis, e qualquer modo de dispô-los alfabeticamente é defeituoso: uma saída seria tomar por base o nosso vocabulário; não me sorriu na ocasião e agora expio.<sup>4</sup>

E terminando por estabelecer um diálogo entre seus campos de estudo – o estudo das tribos indígenas e o aprofundamento em história – Capistrano apontava que:

Na primeira parte do dia tratarei de propor uma nova interpretação dos *Capítulos*. Com o catálogo dos manuscritos do Conselho Ultramarino, começado a ser publicado pelo Cícero vê-se como é prematuro pensar em escrever a história do Brasil. Só conhecíamos os documentos triviais, dos mais importantes, dos fundamentais, só agora se vai conhecendo a existência. Uma pessoa moça, de recursos, que pudesse ir residir em Lisboa, poderia fazer alguma coisa que valesse a pena. Quem sabe se o Brasil está em evolução ou em dissolução?<sup>5</sup>

<sup>4</sup> Carta de Capistrano para Mário de Alencar 15/09/1915 In: *Correspondência de Capistrano de Abreu*. v.1 Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977. p. 243.

<sup>5</sup> Idem Ibidem.

Tanto um trabalho – o estudo do bacairi –, quanto outro – a segunda edição dos *Capítulos de História Colonial* –, não redundariam em textos publicados. Capistrano expunha dificuldades específicas para levar adiante seus intentos. Em primeiro lugar, Abreu se remetia à exigüidade de documentos. Para um autor tão afeito à pesquisa documental, em que a valorização de uma prática excedia o rebuscamento teórico, a ausência quantitativa e qualitativa de documentos era um impeditivo capital para a escrita de uma história geral.

Sem diminuir nem por um instante o alcance desta explicação, creio, porém, que ela deve ser ao mesmo tempo matizada e ampliada, até para que o argumento nela embutido não termine por esvaziar-se diante de uma leitura estritamente pragmática. A pergunta presente na carta para Mário de Alencar trabalha com uma oposição que Capistrano utilizou em sua correspondência, neste momento de sua trajetória de vida. “Evolução” e “dissolução” formam um par que está em relação íntima com “formação”/“dissolução” e “novo”/“decrépito”, conforme suas cartas indicam. Assim, em segundo lugar, a justificativa de Abreu abre espaço para um questionamento outro, acerca da própria forma que o historiador compreendia o processo formativo da nação. Será este o caminho que nosso argumento irá percorrer.

O primeiro passo desse questionamento é incorporar a sugestão de Reinhart Kosseleck: uma das contribuições que a história dos conceitos pode dar para a história social é justamente a utilização dos conceitos como indicadores de mudanças políticas e sociais de modo a alterar o “arsenal lingüístico de todo espaço de experiências político e social estabelecendo novos horizontes de expectativas”.<sup>6</sup> A mobilização deste modo de compreensão, tendo o conceito de formação como eixo central, permite analisar como diferenciados indivíduos participam de uma comunidade lingüística, com seus contemporâneos e com os que o precederam.<sup>7</sup>

Na ambiência intelectual em que o autor de *Caminhos Antigos e Povoamento do Brasil* estava inserido, interlocutores presentes em sua correspondência utilizaram com freqüência o termo “formação” em seus escritos. Oliveira Lima, João Pandiá Calógeras e João Ribeiro foram os exemplos mais

---

<sup>6</sup> KOSSELECK, Reinhart. “Historia conceptual e historia social” In: *Futuro pasado Para una semántica de los tiempos históricos*. Barcelona: Paidós, 1989. p. 108.

<sup>7</sup> Idem. p.111.

ilustres.<sup>8</sup> Como dirá Oliveira Lima, em seu *Formação Histórica da Nacionalidade Brasileira*:

Não quero dizer que a característica dos problemas históricos é permanecerem insolúveis, mas é bem certo que se apóiam sobre suposições e discussões, pois que o papel do historiador é completar o do analista e tentar explicar os feitos da humanidade – e é ainda preciso que eles não sejam inventados – pondo em evidência seus móveis e suas conseqüências, isto é, o espírito filosófico que encerram. A história seria, então, a realidade social, a atividade moral interpretada – exatamente como a arte é a interpretação da Natureza.<sup>9</sup>

Esta filosofia da história como eixo de análise é visualizada, neste autor, através de um dado revisionismo histórico que, a partir da configuração de um discurso monarquista, considera a República como golpe militar, retratando o Império como uma época de progresso e, sobretudo, de unidade territorial e ordem, no que teria sido superior a qualquer outro momento da nossa história.<sup>10</sup> Tanto João Ribeiro como Oliveira Lima, concebem a sociedade ou a nacionalidade, no início do século XX, como um problema passível de ser resolvido. Apesar de uma dada decadência moral, ambos os autores concordam que a instauração de um poder forte e centralizador seria capaz de reordenar um momento em desordem. A noção que utilizam de Império possui uma função moral e vinha imbuída do significado de instrumento capaz de conciliar as facções políticas conflitantes e divergentes da vida interna do Estado, como forma superior de coesão e unificação em relação às entidades em conflito.<sup>11</sup>

Deve-se, então, problematizar o próprio conceito de “formação”. Ele carrega em si uma relação íntima com a categoria tempo, designando um vir-a-ser capaz de organizar os diferenciados acontecimentos do passado. Mas este rearranjo que os eventos terminam por adquirir se direciona a um determinado horizonte comum, já inscrito na narrativa antecipadamente, pondo em evidência a temporalidade da constituição de um determinado objeto que, em seu fim, adquire

<sup>8</sup> LIMA, Oliveira. *Formação Histórica da Nacionalidade Brasileira* (1911), CALÓGERAS, João Pandiá *Formação Histórica do Brasil* (1930). Patrícia Hansen observa a força deste conceito no livro de João Ribeiro *Historia do Brasil. Curso superior* (1901) A autora já havia observado este ponto, sendo que elenca obras com as quais o autor aqui analisado não dialoga. In: HANSEN, Patrícia. *Feições e fisionomia. A História do Brasil de João Ribeiro*. Rio de Janeiro: Access, 2000. p. 80.

<sup>9</sup> LIMA, Oliveira. *Formação Histórica da Nacionalidade Brasileira* 2<sup>o</sup>ed. Rio de Janeiro: Topbooks, 1997. p. 144.

<sup>10</sup> Sobre esta perspectiva em Oliveira Lima Ver: MALATIAN, Teresa. *Oliveira Lima e a construção da nacionalidade*. Bauru: EDUSC, 2000.

<sup>11</sup> HANSEN, Patrícia. *Feições e fisionomias do Brasil. História, Cultura e Nação na História do Brasil Curso Superior de João Ribeiro*. Rio de Janeiro: Access, 2000. p. 104.

determinada forma.<sup>12</sup> Os elementos que darão significado à idéia de formação e determinarão o seu ritmo são passíveis de serem visualizados no tempo de vida do autor. Assim, há uma teleologia composta que este conceito denota, principalmente conforme utilizado pelos autores citados, que faz com que a utilização do conceito de formação da nação venha associado à função pedagógica do conceito em seus textos. Ou seja, formação é um conceito pleno de sentido e pacificado. A nação se insere em uma narrativa capaz de ser contada, capaz de dotar de sentido o conjunto das ações dos homens a que se refere, o que permite compreender a pergunta sem resposta feita por Capistrano como um questionamento imediato de certo tipo de apreensão da palavra e seu referencial empírico, materializado sob a forma de uma trajetória para a nação.

Abreu foi um pertencente da chamada “geração de 1870”<sup>13</sup>, uma geração que encarou com profunda desconfiança a sensação de incerteza composta a partir da desagregação das instituições do regime imperial e a fragilidade inerente à composição do advento da República. Em contraste com a definição anterior, a questão “terebrante” – uma reflexão sobre o problema da formação nacional – seria um problema intransponível da história e que seria herdado, apesar de inúmeras particularidades, por intelectuais do início do século. Este contexto nos direciona, imediatamente, para a assincronia existente entre Estado e nação nas ponderações de Capistrano.

Em busca de um caminho capaz de enfrentar esta questão, concebendo-a como um tema transversal que permeia todos seus textos, nos reportamos aos escritos que analisaram as experiências ocorridas após o período colonial. Mesmo não tendo sido escrito no período aqui analisado – os textos após 1907, ano da publicação dos *Capítulos de História Colonial* – é de fundamental importância

---

<sup>12</sup> Patrícia Hansen observa esta noção de formação empregada por João Ribeiro em sua análise do texto *História do Brasil. Curso Superior*. Ver HANSEN, Patrícia *Op. cit.*

<sup>13</sup> Conforme Ângela Alonso analisa, a chamada “geração de 1870” foi composta de um grupo socialmente heterogêneo cujos integrantes viveram um clima de “marginalização política”, sendo esta a chave para entender o sentido de suas manifestações intelectuais. A identidade do movimento intelectual estaria, assim, composta menos por uma adesão a um determinado corpus doutrinário e mais a uma postura de crítica à tradição imperial e às suas instituições centrais. In: ALONSO, Ângela. *Idéias em movimento. A geração de 1870 na Crise do Brasil-Império*. São Paulo: Paz e Terra, 2002. Apesar da excessiva valorização do argumento político, a observação da autora do conjunto de questões partilhadas por esta geração nos sugere uma reflexão sobre aquela desconfiança no olhar que nos propomos a compreender.

inserir um artigo que apresenta questões acerca do século XIX.<sup>14</sup> Em seus *Caminhos Antigos e Povoamento do Brasil*, após descrever como ocorreu o povoamento durante o período colonial, Capistrano pondera como aconteceu o transplante do centro de governo político.

Por circunstâncias conhecidas, a corte portuguesa transplantou-se, e ficou intrínseco o centro que estava fora. Treze anos reinou D. João VI, dez anos reinou D. Pedro I, e tão suave começou a convergência entre as partes, e tão naturalmente ocorreu o processo de unificação que, apesar das revoluções profundas realizadas nestes dois reinados, tudo se pautou por uma evolução gradual e legítima. Tão cimentada ficou a obra nacional que desafiou as crises que acompanharam a regência e ainda entraram pelo segundo reinado.<sup>15</sup>

Esta passagem dialogava com outra presente em um artigo escrito em 1903. Em texto que trata basicamente do século XIX, publicado primeiramente na Gazeta de Notícias com o título de “Duque de Caxias”, Abreu reconstruiu o processo em que ocorreu a gradual unidade da pátria no século XIX. Após comentar a saída do rei D. João VI, deixou claro a possibilidade de dissolução aberta com esta mudança política. “A retirada do velho rei para a Europa foi o despertar de um sonho agradável que durara treze anos. Metrópole e reino, o Brasil voltava a Colônia.”<sup>16</sup> Como um todo, o artigo buscou a compreensão do século e da unidade, através de acontecimentos políticos, após nomear a figura de Caxias como um dos maiores responsáveis pela manutenção desta unidade política da nação. Em um dado momento, passou a narrar o decênio de 1850, como um momento privilegiado da história pátria.

Foi um decênio memorável o de 50. O imperador contava vinte e cinco anos e a nação sentia-se igualmente moça. Terminara o período revolucionário, guerras estrangeiras felizes varreram a atmosfera, a extinção do tráfico tolhia novos insultos da soberania nacional, encurtava a distância do velho mundo com a navegação a vapor do Atlântico. Mauá canalizava milhões esterlinos, silvavam as primeiras locomotivas; as letras rasgavam os clássicos andrajos coloniais; falava-se em ópera nacional, em teatro nacional, João Caetano figurava de novo Moisés, três poemas épicos andavam em colaboração, havia quem escrevesse tragédias; na comissão científica do Norte não se admitiu um só estrangeiro, porque brasileiros bastavam..., o Instituto Histórico fitava sem acanhamento o Instituto de França; *afinal delia-se a mácula original de nossa gente, a “apagada e vil*

<sup>14</sup> O texto foi inicialmente publicado no Jornal do Commercio e posteriormente publicado pela Sociedade Capistrano de Abreu sob o título de *Caminhos Antigos e Povoamento do Brasil*, após a morte do autor.

<sup>15</sup> Idem p. 67.

<sup>16</sup> ABREU, Capistrano de “O Duque de Caxias” (04/08/1903) In: *Ensaio e Estudos 2º série*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977. p. 2.

*tristeza*”, de que já se queixa o épico lusitano, e Paraná, o político realista e prático, se empenhava em conciliar os partidos políticos.<sup>17</sup> [Grifo meu]

A imagem constituída parece conseguir romper aquela sensação de inconstância que surge fruto das observações de Capistrano, em seus *Capítulos de História Colonial*. Uma nação unificada, incapaz de ceder àquele clima de anarquia que parece reger o período colonial e de superar a “apagada e vil tristeza”. Aquela união, de maneira aparente, foi o momento em que a juventude passaria à maioria e a fragilidade das instituições teria sido superada. Assim, o século XIX é interpretado, em seus artigos, como o momento em que ocorreu a centralização política, gerando uma elaboração histórica onde a unidade da pátria foi mais forte do que os abalos sofridos pelo regime imperial.

Esta estrutura centralizada, entretanto, não foi capaz de pacificar a sensação de incerteza acerca dos rumos que a nação estava seguindo. Esta passagem do artigo que traça considerações sobre o período imperial deve ser contrastada com uma carta enviada a João Lúcio Azevedo. Nesta, utilizando a própria natureza como alegoria, criava uma imagem impactante acerca do país em que vivia.

Mais de uma vez quis escrever a ele e a Goeldi pedindo a fotografia da ave que para mim simboliza a nossa terra. Tem a estatura avantajada, pernas grossas, asas fornidas, e passa os dias com uma perna cruzada na outra, triste, triste, daquela austera, apagada e vil tristeza: é muito sua conhecida com certeza. A imagem do jaburu não me deixa...<sup>18</sup>

Em carta datada de 1918, posterior ao período em que havia publicado a biografia de “Duque de Caxias”, a “apagada e vil tristeza” reitera a afirmação da mácula do brasileiro. Capistrano retomava, em sua correspondência, a argumentação que tenderia a aguçar a persistência de certos elementos da herança colonial, os quais relativizam aquelas alterações e aquele fragmento de seu artigo do início do século XX sobre Duque de Caxias.

O Estado, “cujo centro ficava fora” e foi “transplantado” após a chegada da corte portuguesa, conforme diz nos *Caminhos Antigos e Povoamento do Brasil*, onde “tudo se pautou por uma evolução gradual e legítima”, não foi capaz de gerar a estabilidade que pudesse apaziguar a sensação de incerteza acerca dos rumos políticos da nação. A obra, que em seus textos teóricos aparece como “cimentada”,

<sup>17</sup> Idem. p. 17.

<sup>18</sup> Carta de Capistrano para João Lucio Azevedo 26/12/1918 In: *Correspondência de Capistrano de Abreu* vol 2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977. p. 84.



contrasta com uma série de questionamentos em suas missivas acerca da possibilidade de pacificação do espaço público.

Após a queda do Império e a passagem para a República, o clima de incerteza política e de possíveis distúrbios estão novamente presentes em suas preocupações. Em carta enviada para o correspondente português João Lúcio Azevedo, Abreu irá tecer duras críticas ao clima de turbulência política do ano de 1922 dizendo que

Aborrece-me é a situação política, ou antes, ver que pessoas de amizade e estima acham natural que o Exército – nem ao menos é o Exército, é uma parte mínima, e a menos estimável – queira impor-nos a mais vergonhosa das soluções<sup>19</sup>.

A mais “vergonhosa” das soluções seria a possibilidade de instaurar uma revolução, que aos olhos do polígrafo cearense, poderia trazer novamente o fantasma da fragmentação política. Um retorno do passado e a possibilidade de gerar a dúvida acerca da estabilização política do país. Mesmo avançando na história do século XIX, apesar do historiador demonstrar a independência política, os atos dos homens ainda apresentam um vínculo estreito com o passado. O Estado republicano federalista surge como uma solução instrumental incapaz de unir o diverso devido à ausência de “sentimento nacional”.

Tal ambigüidade torna o pensamento do autor mais rico e solicita que a discussão seja prolongada. Capistrano dialogava, mesmo que de maneira implícita, com Ernst Renan e seu texto “O que é uma Nação”. Neste texto, publicado originalmente em 1880, Renan afirma: “Hoje em dia, comete-se erro ainda mais grave: confunde-se a raça com a nação, e atribui-se a grupos etnográficos, ou melhor, lingüísticos, uma soberania análoga à dos povos realmente existentes.”<sup>20</sup>. A nação para esse autor é um princípio espiritual, uma alma constituída de um rico legado de lembranças e esquecimentos em comum, e o desejo de viver juntos. Raça, língua, geografia e afinidade religiosa são incapazes de gerar este princípio espiritual. A nação é uma grande consciência moral constituída pela *vontade*. “As nações não são algo eterno. Elas começarão, elas acabarão.”<sup>21</sup> Este princípio

<sup>19</sup> Carta de Capistrano para João Lúcio Azevedo 13/01/1922 In: ABREU, Capistrano de *Correspondência de Capistrano de Abreu* v. 2 p. 234.

<sup>20</sup> RENAN, Ernst. “O que é uma Nação” In: *Nacionalidade em questão*. (org) Maria Helena Rouanet *Caderno de Pós-Letras UERJ*, 1994. p. 13.

<sup>21</sup> Idem. p. 41.

espiritual seria o “sentimento nacional”, para Capistrano, a capacidade de agir guiado por um horizonte comum, conforme as afirmações dos *Capítulos de História Colonial* indicam. Apesar da transferência do Estado, da passagem da dispersão para a unidade, nada garante que não ocorra fragmentação. Desejo, consentimento e vontade seriam, desta maneira, os critérios formadores desse princípio espiritual.

Na ótica do autor de *Caminhos Antigos e Povoamento do Brasil*, pode-se dizer que após a República estes critérios formadores do sentimento nacional ainda não estavam presentes. Em uma carta enviada ao Barão de Rio Branco, analisa como ocorreu a queda do Império:

Recebi a sua última carta no dia 15 de Novembro! Vinha do campo de Santana impressionado, como pode imaginar, depois de ter visto uma revolução. E que revolução! Só há uma palavra que reproduz o que vi: empilhamento. Levantou-se uma brigada, chegaram os batalhões um a um, *sem coesão, sem atração, sem resolução* e foram-se encostando um a um como peixe na salga. Quando não havia mais batalhão ausente ou duvidoso, proclamou-se a República, sem que ninguém reagisse, sem que ninguém protestasse. No ponto em que as coisas estavam, era a única solução *razoável*. Antes uma Deodorada do que uma saldanhada. Todo o Brasil aderiu; apenas em Pernambuco José Mariano levantou um grito separatista que não ecoou. Digam o que quiserem, a República é hoje pátria unida; a restauração seria secessão.<sup>22</sup> [Grifo meu]

Espantado, Abreu narrou a cena da queda do Império ao Barão de Rio Branco. A ausência de resolução e coesão expressas dá o tom de improviso com que a República foi proclamada.<sup>23</sup> A substituição de revolução por “empilhamento” dota as suas ponderações de profunda apreensão, como se a mudança ocorrida simplesmente significasse pouco, uma simples alteração superficial incapaz de alterar profundamente o momento em que vivia. A tonalidade da carta reitera a acusação feita ao longo de todo *Capítulos* de que a coletividade permanece praticando soluções eventuais e fortuitas em seus atos.

República e Império possuíam formas diferenciadas, mas expressavam o mesmo vício. Apesar da unidade da pátria fechar a carta indicando um balanço positivo para o evento, o “empilhamento” deixa de significar uma pretensão de legalidade para as ações, sendo fruto muito mais da exaustão que o próprio tempo

<sup>22</sup> ABREU, João Capistrano de. Carta ao Barão de Rio Branco (25/01/1890) In: *Correspondência Capistrano de Abreu*. Vol. 1. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977. p. 128.

<sup>23</sup> Ramalho Ortigão, narrando a queda do Império, em carta para Eduardo Prado, observou de forma aguçada: “Para mim, o caso já estava a muito anunciado e previsto. A única coisa que me surpreendeu foi a simplicidade quase trágica com que se fizeram as coisas.” In: BERRIEL, Carlos Eduardo. *Tietê, Tejo, Sena. A obra de Paulo Prado*. São Paulo: Papyrus, 2000. p.50.

incide sobre o antigo regime, do que um ato de mudança gerado pela convicção dos homens. A mudança de regime foi fruto de uma inevitabilidade histórica: o evento posterior ocorreu após o primeiro ter exaurido suas forças. Ocorreu apenas uma mudança instrumental, desconectada da possibilidade de gerar algum reflexo mais profundo no conjunto de hábitos e eventos. Capistrano, desta maneira, não compreendia o momento em que vivia como atraso frente a qualquer outro, mas *constatava* que o conjunto de alterações ocorridas, mesmo no início da República, gerou uma modificação de caráter superficial.

Assim, a pergunta acerca de formação ou dissolução, feita por Capistrano, em diferenciadas missivas, ganha a tonalidade de certa fatalidade histórica. Como se toda mudança, ao invés de ser um ato de ruptura capaz de instaurar o novo, fosse a reificação do tempo em suas frágeis modificações. O clima de indiferença, desorganização e ausência de horizonte comum permanece, ainda, sendo uma câmara de ecos daquela instabilidade, presente em seus *Capítulos de História Colonial*. Após quatro séculos, a nação continuava uma experiência coletiva sem direcionamento e sem linearidade nos atos daqueles que a povoam. Passado e presente, deste modo, estariam dispostos de maneira complementar e antagônica, guardando velado um paradoxo: ao elaborar, através de sua história, uma reflexão acerca do passado, assim como ao observar as tensões do presente, Capistrano visualizava um conjunto de permanências que foi mais forte que a ruptura. Como dirá o próprio Abreu em outra carta: “Punge-me sempre e sempre a mesma dúvida: o brasileiro é um povo em formação ou em dissolução? Vale a pena ocupar-se de um povo dissoluto? Vale a pena para um Tácito ou um Juvenal, mas estou afastado tanto destas naturezas!”<sup>24</sup>

Isto leva a outra questão. Esta pergunta, além da crítica direcionada ao espaço público, colocava em xeque a própria validade do conhecimento histórico, ampliando, naquele que a pronuncia, uma profunda sensação de dúvida. Esta sensação de incerteza não se remete simplesmente à desordem ou ao caos, mas ela se caracteriza como instável. Embora a diferença de sentido entre instabilidade e desordem seja mínima, ela propicia associações que vão em direções opostas. Enquanto nas imagens da desordem ou da confusão a perda da ordem afeta, supostamente, apenas o mundo objetivo, não se pode imaginar um solo instável

---

<sup>24</sup> Carta de Capistrano para Guilherme Studart 19/09/1909 In: *Correspondência de Capistrano de Abreu* Vol. 2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; 1977. p. 183.

que também não tivesse um impacto sobre a visão do observador. Ou seja, a pergunta acerca da questão “formação ou dissolução” é uma forma de descrever o impacto do conjunto de mudanças políticas em sua percepção do mundo.

Cabe lembrar que, no início do período republicano predominava a idéia de que uma verdadeira conquista do território somente poderia ocorrer através de seu conhecimento científico. Nessa ambiência, o estudo e o ensino da história tornaram-se uma necessidade estratégica enquanto elementos que fundamentam um conjunto coerente de referências a serem compartilhadas. A história conquistou lugar como espaço socialmente necessário por ser capaz de fornecer as bases para uma pedagogia cívica no processo de consolidação do Estado-Nação. Era preciso estabelecer uma versão consensual sobre o passado capaz de fundamentar o modelo nacional-republicano<sup>25</sup>.

Neste sentido, a dúvida acerca da possibilidade de a história construir um conjunto coerente de referências a serem compartilhadas – presente na multiplicidade de perguntas feitas por Abreu – sinalizava a existência de um sentimento de insegurança relacionado com a situação política do Brasil, e, através da pergunta, o questionamento do valor de sua própria análise. Este parece ser um importante eixo organizador das ponderações feitas pelo historiador Capistrano. Fragilidade das instituições, ausência de compromisso com a longevidade de suas ações e incapacidade de deixar algum legado para as gerações futuras; torna-se difícil pensar, desta maneira, que esta experiência coletiva fosse capaz de romper com certa permanência que ecoa de suas palavras. Desta maneira, a questão “terebrante” levantada não recebe uma resposta, termina em impasse, expressão da frustração quanto à possibilidade de intervir na realidade daquela República.

A nação vagueia entre o novo e o decrépito, entre o epílogo e o prólogo, sem encontrar a menor possibilidade de estabilização, de fixar a experiência e, a partir daí, avançar e deixar de ser tributária de um constante recomeço. Assim, a discussão envereda para a problematização das noções de continuidade e ruptura, permanência e mudança que parecem estar embutidas neste questionamento acerca do valor do conhecimento histórico.

---

<sup>25</sup> Sobre este ponto Ver: GOMES, Ângela de Castro. “Através do Brasil: o território e o seu povo.” In: PANDOLFI, Dulce Chaves e ALBERTI, Verena (Orgs). *A República no Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002.

## 2.2 *Acerca do Provisório: Transição.*

A questão que serve, de maneira específica, de referencial para esta dissertação talvez possa ser melhor avaliada se ingressarmos na discussão de um tema específico das proposições históricas de Capistrano. Este tema refere-se ao uso do termo transição, muitas vezes citado pelo autor.<sup>26</sup> Para isto, serão traçados dois caminhos: um que problematizará seu caráter teórico e outro que tentará enfrentar a questão a partir da compreensão de como esta noção de transição parece ser o desenvolvimento de uma série de imagens acerca da nação.

Para percorrer o primeiro caminho, será composta uma reflexão acerca do método e da escrita da história. Quanto às dimensões teóricas do conceito de transição, cabe ponderar, inicialmente, que Capistrano estabeleceu um diálogo com as pesquisas que estavam sendo realizadas no IHGB desde meados do século XIX. Uma das questões fundamentais que estavam sendo pensadas era de que maneira seria possível delimitar um corte ou uma ruptura cronológica, capaz de operar a distinção clara entre dois períodos: passado e presente. Assim, a tentativa era pensar um programa historiográfico capaz de propor uma fratura presente-passado a ser estabelecida e mantida de forma permanente pela história. Desta maneira, o estudo do passado estaria delimitado pelo próprio passado, por um princípio diferenciado do que se pressupunha como presente a partir do momento em que passa a ser teorizado como ciência. Aquele passa a ser possuidor de uma “marca de cientificidade”<sup>27</sup>, instaurada por aquele programa, a partir do instante em que se estabelece um conjunto de procedimentos e práticas capazes de diferenciá-lo no tempo.

Esta delimitação estava na agenda de questões dos sócios do Instituto. Como pensar uma segura periodização do passado? Em que termos o presente passou a ser considerado como diferenciado de um conjunto de eventos

---

<sup>26</sup> Um olhar mais detido sobre o conjunto dos artigos de Capistrano torna possível observar que os períodos que o autor considerou como de transição foram mutáveis. Enquanto no artigo “Sobre o Visconde de Porto Seguro” a década de 1850 será considerada como este período, posteriormente este decênio será considerado como um apogeu. Ver “Fases do Segundo Império” In: *Ensaio e Estudos 3º série*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977.

<sup>27</sup> Sobre a noção de “marca de cientificidade” e um dado programa moderno de estabelecimento do passado, ver HARTOG, François. *O século XIX e a História O caso Fustel de Coulanges*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2003. pp. 116-124. Permanecendo dialogando com as reflexões do autor, ele nota que o passado como ideal de ciência possui características particulares: “nem identificação, nem imitação, nem ressurreição do passado, que só se dá a conhecer por obra de puro olhar.” p. 119.

aglutinados por um sentido específico – capazes de serem narrados por uma chave semântica particular – e delimitados como anterior a ele? Tal interrogação deveria ser pacificada a partir das propostas das sessões e de seus membros. Frente a estas questões, o debate entre os sócios se perguntava, constantemente, em que momento a delimitação temporal deveria ocorrer e ser estabelecida.<sup>28</sup>

Em seu “Sobre o Visconde de Porto Seguro”, Capistrano de Abreu ponderou que para que se escrevesse uma nova história capaz de superar a *História Geral* do historiador sorocabano seria necessária a acumulação dos estudos históricos. “Agora, o que se precisa é de monografias conscienciosas.”<sup>29</sup> Para que ocorresse a edificação da História do Brasil, documentos deveriam ser descobertos, arquivos compostos, monografias escritas. Para que Varnhagen descesse de seu pedestal, após coligir esta ampla gama de material esparso, seria necessária uma outra ordenação do passado, atentando para pontos ainda obscuros a serem visualizados: “[...] posso reunir muita coisa que está esparsa, e espero encadear melhor certos fatos, e chamar a atenção para certos aspectos até agora menosprezados”.<sup>30</sup> Ao propor a imagem de Varnhagen em seu pedestal, Capistrano escrevia e se inscrevia como aquele que poderia superá-lo em seu empreendimento.<sup>31</sup>

Nesta perspectiva, este artigo dialoga com um outro texto escrito já em seus últimos anos de vida. Em seu artigo “Fases do Segundo Império”, “a década de 50 foi considerada a mais brilhante do Império”.<sup>32</sup> O autor constitui uma nítida periodização, na qual diferenciadas fases do segundo reinado passam a ser delimitadas a partir da fisionomia a ser extraída de seu conjunto de eventos.<sup>33</sup> Aqui, arma-se um dos tópicos fundamentais da contribuição de Capistrano para a historiografia brasileira: a instauração de um novo regime de escrita da história em

<sup>28</sup> Essa necessidade de determinação da diferenciação entre presente e passado e sua tematização no IHGB pode ser encontrada em GUIMARÃES, Manoel Luiz S. “Reinventando a tradição: Sobre Antiquariado e escrita da História” In: *HUMANAS* Revista do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Porto Alegre v.23, n 1, 2000.

<sup>29</sup> ABREU, João Capistrano de “Sobre o Visconde de Porto Seguro” In: *Ensaio e Estudos 1º série*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977. p.139.

<sup>30</sup> Idem. p. 142.

<sup>31</sup> Daniel Pereira observa que no Necrológio há, aliado a um sentimento de admiração e reconhecimento, um desejo de superação. Ao situá-lo em um pedestal, pode-se pensar que o projeto intelectual de Capistrano foi construído em um intenso debate com a obra de Varnhagen, tecendo aspectos de continuidade e ruptura com a tradição historiográfica anterior. *Op. cit.*, pp.19 e 24.

<sup>32</sup> ABREU, João Capistrano de. “Fases do Segundo Império” In: *Ensaio e Estudos 3º série*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977. p. 81.

<sup>33</sup> Idem. Neste artigo, o autor distingue os períodos da regência (1840-1850), do apogeu do Império (1850-1863), das guerras externas (1863-1870) e da decadência (1870-1889).

que o aparato crítico utilizado para a validação das fontes cederia espaço para a coerência explicativa pautada em um determinado enredo.<sup>34</sup> Os diferenciados fatos e causas deveriam ser coordenados através do estabelecimento de um sentido capaz de conferir inteligibilidade ao processo em geral.<sup>35</sup> Ao problematizar a noção de transição, entra-se na discussão acerca das noções de continuidade e ruptura através de categorias como duração e sucessão.<sup>36</sup>

Este conjunto de apontamentos nos leva a outra questão. Ao ser considerado como aquele que poderia escrever a História do Brasil, Capistrano divergia, dizendo que a História do Brasil poderia ser melhor escrita por um historiador do futuro. E em carta a Guilherme Studart, afirmava que: “sabes melhor do que ninguém como a coisa é difícil, como sai imperfeita, como o segundo que vier pode melhorá-la consideravelmente com metade do trabalho. Pouco importa.”<sup>37</sup> Além dos problemas referentes à pesquisa, como a falta de documentos, era necessário um historiador que não ficasse exclusivamente detido em um único período. Para esta geração, o Brasil era considerado um país jovem e demandava uma escrita da história direcionada ao presente e ao futuro. Uma escrita da história para uma nação em um período de “transição”.

### 2.3 Edificação e ruína

Esta noção de transição, além de um vínculo estrito com uma reflexão sobre a periodização, possibilita pensar a específica experiência do tempo vivenciada por Capistrano. Enquanto pertencente a um determinado momento histórico, Abreu, junto aos seus próximos, vivenciou o regime moderno de historicidade<sup>38</sup>, uma determinada forma de relação com o tempo regida pelas

<sup>34</sup> ARAÚJO, Ricardo Benzaquen de *Ronda Noturna: Narrativa, Crítica e Verdade em Capistrano de Abreu* Revista Estudos Históricos Vol1. p.19.

<sup>35</sup> Aqui se torna muito útil caminhar colado às reflexões de Paul Ricouer acerca da síntese do heterogêneo: “a coordenação de acontecimentos múltiplos, seja entre causas, intenções e também acasos, numa mesma unidade de sentido” In: RICOUER, Paul. *La Mémoire, l’Histoire, l’Oubli*. Paris: Éditions du Seuil, 2000. p. 312.

<sup>36</sup> Esta necessidade de uma periodização da História do Brasil já está muito claramente expressa em seu “Necrológio de Francisco Adolfo de Varnhagen” In: ABREU, Capistrano de *Ensaios e Estudos I<sup>o</sup> série*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977.

<sup>37</sup> Carta a Guilherme Studart 07/01/1920 In: *Correspondência de Capistrano de Abreu*. v.1 Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977. p. 178.

<sup>38</sup> Compreende-se aqui como regime de historicidade os diferentes modos de articulação das categorias “espaço de experiência” e “horizonte de expectativa” em um determinado período

categorias de futuro e de progresso. Nesta, o futuro ganha um determinado caráter diferenciado em função da mobilidade da categoria passado, em virtude da qual se diferencia o próprio tempo e de um tempo precedente e um tempo por vir; o esperado caráter diferente de futuro e de mudança do ritmo temporal da experiência.<sup>39</sup> Uma consciência de época que não caracteriza a sua experiência como final ou princípio, mas em constante diferenciação, em constante instabilidade.

Todavia, se para uma ampla gama de autores a noção de “transição” vem caracteristicamente associada ao futuro como um vir-a-ser que possibilitaria a resolução do que no presente ainda não ganhou densidade, como foi proposto nas considerações acerca de João Ribeiro e Oliveira Lima, para Capistrano o presente aglutinava o limite de sua força *diagnóstica* e crítica.

Muito mais do que simples pessimismo ou sentimento particular de derrota, o período de transição acentua o caráter pendular e inconstante, cuja instabilidade tem como primordial elemento a inconclusão das experiências históricas, uma edificação que não se completou. Alguns intelectuais, entre eles Capistrano de Abreu, questionavam não a idéia de mudança histórica, mas seu caráter otimista. O futuro seria, seguindo este percurso, um lugar duvidoso, incapaz de ser imediatamente verbalizado pela lógica do progresso.<sup>40</sup> O conjunto de mudanças que ocorreram devido à entrada de uma modernidade nos trópicos, fruto do conjunto de alterações empreendidas por avanços técnicos,<sup>41</sup> veio aumentar a sensação de transitoriedade, caracteristicamente moderna.

Este conjunto de mudanças estava também associado à instabilidade do período de passagem do Império para a República. Aos poucos, desanimado quanto às possibilidades de uma efetiva transformação política e social, Abreu

---

histórico. Para uma leitura aprofundada ver HARTOG, François. *Regimes d'historicité. Presentisme et expériences du temps*. Paris: Éditions du Seuil, 2003. pp. 11-30.

<sup>39</sup> Aqui a intuição nos leva ao texto clássico de Kosseleck. KOSSELECK, Reinhart “Modernidad” In: *Futuro Pasado Para una semántica de los tiempos históricos* Barcelona: Paidós, 1979. A noção de aceleração que esta problematização suscita não nos ajuda nesta reflexão que estamos empreendendo. A visão de mundo de Capistrano está associada muito mais à dúvida acerca do futuro.

<sup>40</sup> Como dirá Euclides da Cunha na reunião de ensaios póstumos *À margem da história*, “Vai-se de um a outro século na inaturalável mesmice de renitentes tentativas abortadas”. IN: CUNHA, Euclides da *À margem da história* São Paulo : Martins Fontes , 1999 p. 58

<sup>41</sup> Aqui serve de orientação SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como Missão*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005; SUSSEKIND, Flora. *Cinematógrafo de Letras*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987 e HARDMANN, Francisco Foot. *Trem Fantasma. Modernidade na Selva*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.



opôs-se ao militarismo dos primeiros anos da República e à ordenação oligárquica subsequente, afirmando em carta a Pandiá Calógeras, datada de 1911:

Creio que de perto suas impressões sobre as coisas não se modificaram. Há sobretudo um desbrío que aterra. Há uma voluptuosidade de lama, como não me lembro ter assistido a igual. Será a falta de vergonha promulgada por Roscher para a geração que sucede a cada movimento revolucionário? Talvez coisa pior: já estamos no segundo decênio da grande crise, e ainda faltam os primeiros rubores da alvorada.<sup>42</sup>

No início desta mesma carta, Abreu analisou a idéia de corrupção que assolava a primeira República: “Da reforma rivadavesca nada sei senão as nomeações feitas sem concurso. Há gente feliz. Curioso é como os felizardos tem feições comuns.”<sup>43</sup> E continuava, ao longo de toda missiva, refletindo acerca da coalizão que impediu a ruptura e termina com o veredito: “E, mais curioso ainda: a união está fixa, irrevogável. Também os sabinos afeiçoaram-se aos estupradores.”<sup>44</sup>

Esse conjunto de impressões não estaria restrito somente à sua correspondência. Em artigo escrito em meados da década de vinte, e já citado anteriormente, a perspectiva temporal pela qual analisava o Segundo Império nos propicia uma série de pistas. Dividido em momentos específicos, o conjunto de experiências estaria articulado em um tempo biográfico, em que nascimento e decrepitude marcam o início e o fim de uma determinada época; “fases” em que a elaboração do passado de uma experiência coletiva, o Brasil durante o Império, está associada ao ciclo de vida do próprio Imperador.<sup>45</sup> Apesar da jovialidade do Imperador ser associada ao decênio de 1850 – o momento em que a coesão do Império é ressaltada –, toda a periodização de um momento histórico diferenciado não foi capaz de romper com o eco do passado.

Agora, como então, um ponto sobreleva a todos: serão compatíveis com a *índole* brasileira eleições honestas? Nas municipalidades coloniais os vereadores andavam por meia dúzia, o mandato durava um ano, e não havia reeleição imediata, todo o ordenado se reduzia a magras propinas

<sup>42</sup> Carta de Capistrano para Pandiá Calógeras (09/04/1911) ABREU, Capistrano de *Correspondência de Capistrano de Abreu* v.1 Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977. p. 375.

<sup>43</sup> Idem Ibidem.

<sup>44</sup> Idem Ibidem.

<sup>45</sup> Esta perspectiva já havia sido observada por Ilmar Rohloff de Mattos: “a trajetória do reinado parece reproduzir o ciclo de uma vida, a do próprio Imperador, desde a menoridade até a decrepitude de tal modo que a década de 50 é considerada a mais brilhante do Império.” MATTOS, Ilmar Rohloff. “Do Império à República” In: *Estudos Históricas*, Rio de Janeiro vol. 2, nº4, 1989. pp. 163-171.

pagas em certas solenidades... e o governo teve de chamar a si as eleições. Câmara Coutinho Governador da Bahia em fins do século XVII escreveu que dos escândalos dos regulares só estavam imunes os padres da Companhia, por terem autoridades feitas nas margens do Tibre. As irmandades religiosas deixaram *tradição pouco edificante*.<sup>46</sup> [Grifo meu]

O brasileiro não tem caráter, tem “índole”. E avessa à metrificação dos atos, incapaz de fazer com que o já cansado pesquisador perceba a solidez que proporcionasse aquilo que mais lhe satisfaria: olhar para trás e perceber que avançamos. Das municipalidades coloniais guardamos a ausência de espírito comum e o excessivo particularismo que faz com que seus atos não possuam longevidade e não possam germinar. Até mesmo a linearidade dos atos e a fuga dos escândalos por parte daqueles que pertenciam a Companhia de Jesus não pode fazer com que a edificação da nação chegasse até a completude.

A continuação do artigo sugere vínculos com o passado:

Hoje a fraude começa pelo alistamento eleitoral, prossegue pelo alistamento fosfórico do voto, quando não se prefere quebrá-la ou roubá-la pela apuração fraudulenta da urna, pelo viciamento de diplomas, pela entrega à comissão verificadora. A República trouxe uma novidade essencial: alguém que pode estar ou não no Catete superintende o reconhecimento de poderes, isto é, o direito ao subsídio e mais achegas: é o homem mais poderoso do Estado, é o Poder Moderador das instituições vigentes.<sup>47</sup>

Presente e passado são afinidades eletivas. Atraem-se de uma maneira muito particular e peculiar, como se aquele egoísmo, visualizado de maneira extremamente forte no passado, ainda estivesse presente. A República trouxe uma “novidade” que se remete, apenas, a uma solução do passado, o poder Moderador. A mudança de regime exacerbou o que de pior havia na trajetória histórica brasileira na imagem que reitera a fragilidade da ação humana e a “ausência de cooperação”.

Em carta a João Lúcio Azevedo, conta-lhe a respeito de uma viagem ocorrida acompanhada do Ministro da Viação e do Prefeito de Minas:

Passamos por Turvo, Lavras, Oliveira, Itapetecica, Divinópolis e Belo Horizonte. Não havia veículos, exceto em Lavras, onde existe uma linha de bondes, e de tantas cidades só apreciei o que é visível da estação ou do trem... Em geral não volto satisfeito de excursões ferroviárias. O traçado primitivo devia cortar plantações, mas hoje à beira das linhas apenas se

<sup>46</sup> ABREU, João Capistrano de. “Fases do Segundo Império”. Estudo publicado n’O Jornal (02/12/1925) In: *Ensaios e Estudos 3º série*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977. p.82.

<sup>47</sup> Idem. p. 82.

avista uma vegetação que ainda *não teve tempo de virar capoeira*. Só em um ponto ou outro vêem-se cabeças de gado. Ainda mais aborrecem os cortes, que por baixo de uma *tênue camada de terra aproveitável* mostram jazidas de rochas em grau variado de composição. Como isto quadra mal com as afirmações de Buckle.<sup>48</sup> [Grifo meu]

E a imagem da Natureza que guardaria exuberância e força cai por terra. Ela apenas designa uma aparência que não guarda uma essência, uma imagem capaz de ser dragada pela ação humana. A figura-símbolo do otimismo tecno-industrial do século XIX e início do XX, a locomotiva, causa devastação por onde passa, funcionando como agente do espetáculo de um desvelar: a terra infértil. Uma imagem que surge em um contexto que busca modos de refutá-la: uma excursão ferroviária, feita em companhia solene, para conhecer o que de *mais íntimo* o país possui. Uma representação montada através da contradição entre ser e parecer, que guarda, em sua enunciação, a infertilidade como aquilo que de velado jaz sob o aparente. A terra fértil, vista mais de perto, é somente uma fina e rala camada. Uma *tênue camada e só*. A terra, basta observar, é estéril. Nada além disso.

A fragilidade da Natureza diante das linhas férreas, “que já não cortam plantações”, gera a interrogação acerca do modelo de base histórica capaz de ordenar o contato Civilização e Natureza nos trópicos. A ação humana como aquilo que não foi capaz de gerar um empreendimento apto a possuir longevidade e servir ao propósito coletivo, apto a servir aos interesses da nação. Houve um amoldamento do qual o que resulta, reiterando ações fortuitas, é “somente capoeira”. Ao observar de forma mais minuciosa a Natureza, estabelece, simultaneamente, uma metacrítica do progresso. Não se tratava de uma crítica da modernidade e dos males do crescimento por si mesmos, mas de uma crítica interna ao universo moderno que, com base em suas premissas, denunciava a realidade brasileira como uma farsa do avanço civilizatório.<sup>49</sup>

Esta região, presente na passagem da carta anteriormente citada, é considerada Sertão para Capistrano de Abreu em seus *Capítulos de História*

<sup>48</sup> Carta de Capistrano de Abreu para João Lúcio Azevedo 07/08/1918 In *Correspondência de Capistrano de Abreu*. vol. 2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977. p. 108.

<sup>49</sup> Segue-se aqui a problematização da noção de progresso e a devastação do mundo natural feita por PÁDUA, José Augusto. *Um sopro de destruição*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002. Este lugar de especificidade nacional que a Natureza possui, atrelado à polêmica estabelecida com Sílvio Romero e a *instabilidade*, elemento fundamental para pensar a experiência colonial, levam-nos à proximidade entre Capistrano e certa tradição do pensamento brasileiro que estabelece o vínculo entre esta instabilidade e a devastação do mundo natural.

*Colonial*. Em sua narrativa, o gado é o elemento coagulador que criou condições ao povoamento da região. “Além do sentimento de orgulho inspirado pela riqueza, pelo afastamento de autoridades eficazes, pela impunidade, a criação de gado teve um efeito, que repercutiu longamente. Graças a ela foi possível descobrir minas.”<sup>50</sup> Esse seria um dos elementos orquestradores da possível unidade que observava em estado nascente no povoamento do Sertão. Mas nesse mesmo Sertão, passados quatro séculos após “a corrente interior, mais volumosa e mais fertilizante”<sup>51</sup> iniciada de pontos apartados, aquele que seria um dos principais elementos coaguladores, já não possui mais presença. Antes que fosse possível observar a existência de uma nação que caminhasse nos traços lineares de um avanço progressivo, a carta passa uma forte sensação de perda. Como se algo que ainda não teve tempo de germinar, que ainda não se fortificou, já tivesse sido devassado. No presente, a estrada de ferro que deveria atravessar as plantações apenas encontra uma rala vegetação. O encontro tem um perdedor.

Enquanto forte imagem do presente, a continuidade desta mesma carta designa o quanto o futuro parece ser um espaço ainda não domesticado:

O *futuro* reserva ao Brasil futuro muito mais árduo que o dos holandeses, obrigados a *fazer* a Holanda depois de Deus ter feito o mundo. Um parente que esteve no Pará dizia-se capaz de pôr abaixo a árvore mais alterosa, sem ferramenta, só cavando com as mãos. Se assim fôr, pode chamar-se providencial a indústria extrativa, que é a sua *riqueza* e a sua *desgraça*.<sup>52</sup>  
[Grifo meu]

“Riqueza” e “desgraça”. Caminha-se da vida à morte em um segundo, na mesma velocidade em que se consegue “só cavando com as mãos” extrair a “árvore mais alterosa”. A expressividade do cenário montado em sua missiva funda-se na desolação da paisagem natural e humana, questionando o tom prometeico que a fertilidade natural poderia guardar através de uma imagem que tem, em seu cerne, a tonalidade de um envelhecimento precoce. Uma promessa de futuro que se dilui de forma instantânea ante o toque da Civilização. Tanto a Natureza como a técnica são, ambas, personagens vacilantes de uma história sob o signo da ruína. Nas imagens compostas por Abreu, caminha-se entre a desgraça e a

<sup>50</sup> ABREU, Capistrano *Capítulos de História Colonial*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977. p. 132.

<sup>51</sup> Idem. p. 98.

<sup>52</sup> Carta de Capistrano de Abreu para João Lúcio Azevedo 07/08/1918 In: *Correspondência de Capistrano de Abreu*. vol. 2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977. p. 108.

prosperidade, entre a degradação e a aspiração, através de imagens de cenários que reiteram a figuração da instabilidade e do desequilíbrio, caracterizando o chão movediço em que se funda a nação. Antagonismo que permeia a ampla correspondência do autor e aprofunda a sensação de incerteza e volubilidade, gerando o paradoxo e, conseqüentemente, a dúvida acerca do futuro. E duvidoso, diga-se antes de mais nada, por que não consegue deixar de lembrar aquilo que de mais peculiar parece arruinar a busca da identidade histórico-cultural tão desejada: o retorno do passado. Um passado que lembra a dispersão tumultuária da desorganização da vontade – presente no período colonial – e aponta o futuro árduo “a fazer”.

Mas, ao mesmo tempo, há uma unidade antagônica que não gera superação, mantendo-se em tensão permanente. E, justamente esta tensão, reitera a incapacidade de acumular experiência, gerar estabilidade e avançar. Assim como a própria pergunta “formação ou dissolução?”, todo contrário, ao ser aproximado, aguça a possível sensação de decadência e a insistência de que o passado ainda permanece enquanto presença sensível. Ainda com uma colocação acerca da Natureza, Capistrano responderá indignado ao seu amigo português João Lúcio Azevedo:

A mais fértil terra do mundo... Aonde? Não na Amazônia, aonde raspada uma camada de mateiro, bate-se na *esterilidade*. Nos outros Estados é quase invariavelmente o mesmo. Produzimos coisas de luxo, de gozo; se nos bloqueassem deveras, a penúria nos levaria à *antropofagia*. E a gente? Os processos da Inquisição mostraram a borra-mãe, e as outras borras tem vindo superpondo-se, e de alto a baixo é borra e mais borra.<sup>53</sup> [Grifo meu]

Novamente a imagem da Natureza – enquanto terra infértil – é mobilizada. A contradição entre o ser e parecer apenas leva a revelar a esterilidade subjacente ao que é cantado como exuberante. No caso da Natureza, ela conjuga, em si, fertilidade e infertilidade como se não possuísse potencialidade, perdendo potência pela conjunção de opostos dentro de si e a possibilidade de, por isso, cair em tragédia. Uma história nada progressiva ou edificante, mas que se conjuga por imagens de corrosão e inacabamento. Virou ruína antes de ter se edificado<sup>54</sup>.

<sup>53</sup> Carta de Capistrano de Abreu para João Lúcio Azevedo 13/01/1922 In: *Correspondência de Capistrano de Abreu* vol.2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977. p. 234.

<sup>54</sup> Francisco Foot Hardman havia observado esta particularidade na leitura de alguns autores do período. Ele cita Capistrano em suas considerações, mas usando argumentos particulares. ver: HARDMAN, Francisco Foot. “Brutalidade Antiga: sobre história e ruína em Euclides”

Desse conjunto de imagens que torna duvidoso o lugar do futuro, Capistrano parece novamente se remeter à pergunta que não encontra resposta acerca da formação ou dissolução da Nação. Seu ponto de vista, impactado pela proclamação da República e pelo que considerava suas conseqüências mais nefastas, o predomínio de uma racionalidade do interesse e devastação, e, por isso, a possibilidade de fragmentação, enfatizava a errônea conduta que caracteriza a ação humana em seu contato com a Natureza. A infertilidade, nas imagens apresentadas, é menos uma característica inata da Natureza, mas a intenção de desmistificar a imagem da terra fértil e apresentar “o Brasil tal qual” ele é. Assim, aguça a necessidade de uma ação coordenada e metrificada em busca de interesses que sirvam a Nação; a busca por superar este momento de transição.

Frente este referencial objetivo turbulento, Capistrano materializou em vida o ideal do intelectual avesso aos interesses mundanos e que investia em uma imagem diferenciada. Tanto em suas missivas para aqueles que considerava pares intelectuais, quanto para aqueles em que estava no papel de orientador, Abreu compunha um artesanato pessoal que investia em um comportamento sóbrio que exponenciava o seu labor: o estudo socialmente útil. Instante privilegiado que unia tanto a demarcação de um lugar social como seu conjunto de preocupações acerca da formação da Nação.

#### *2.4 Artesão de si, artesão da história.*

Tanto o conceito de formação, como a indagação acerca do que Capistrano de Abreu compreendia como período de “transição” servem a um propósito bem delimitado: captar suas imagens da nação. Ao explorá-las e qualificá-las, elas servem, agora, a outro intento: entender como Abreu modelou sua personalidade, tendo-as como referência, em sua correspondência, para, daí em diante, compor um argumento que permita compreender os atributos específicos que delinearam sua “automodelagem”. Cabe ressaltar que os missivistas, aqui, não serão considerados de maneira destacada, mas será composto um argumento que permita um arranjo entre as diferenciadas epístolas, respeitando – quase sempre – o período recortado

---

<http://www.iea.usp.br/iea/revista/> acesso em 01/03/2007. Ao longo de toda correspondência, a admiração de Capistrano por Euclides e por suas imagens de ruínas na Amazônia são freqüentes.

para esta dissertação. Cabem, rapidamente, algumas considerações acerca da escrita de cartas, pois aqui sua utilização será feita de maneira mais detida.

O ato de escrever cartas, enquanto produção de si, é, ao mesmo tempo, constitutivo da identidade do seu autor e do seu texto, simultaneamente. A troca epistolar é uma prática específica - escrita para o outro - um exercício que favorece a objetividade e a subjetividade. Apesar da distância física, ou talvez por este limite e imposição, é diante dele que o remetente se expõe e alimenta a expectativa de resposta. A carta é, também, o lugar onde um encontro se faz possível: ela é a negação e a presença da distância. A correspondência propicia certo tipo de presentificação, um mostrar-se orientado para um outro determinado, antes do momento da escrita, gerando uma presença imediata e quase física que se assemelha a um exercício de dar-se a ver. Uma afetação mútua proporcionada pela troca epistolar entre os missivistas, fundada no conhecimento dialógico<sup>55</sup>.

Abreu, assim como muitos outros intelectuais, teve na escrita de cartas um exercício cotidiano e, através delas, expôs planos, dúvidas e considerações acerca da história da nação, seu passado, seu presente, seus impasses. Suas missivas conjugam uma determinada escrita de si com a discussão de projetos particulares, sua interferência em projetos de outros intelectuais e imagens da nação. A sua busca por compreender a fisionomia do Brasil está profundamente atrelada à sua compreensão da capacidade de intervenção no mundo. Na verdade, incapacidade, visto que diante de um presente cada vez mais turbulento, no qual o seu próprio olhar parece captar tonalidades cinza diante de um cotidiano profundamente turvo, a *diferenciação*<sup>56</sup> parece ter sido a forma escolhida pelo autor de exponenciar sua leitura do cotidiano.

Em suas cartas do período posterior a 1907, a sensação de convulsão do presente gerou a atitude de “isolamento fecundante”, assemelhando-se à imagem de José de Alencar no Necrológio escrito pelo autor. Houve o elogio da *reserva*, mas não da reclusão absoluta, como forma de manter o controle de um interior que pudesse ser contaminado pelo contato com o cotidiano.

---

<sup>55</sup> Ver FOUCAULT, Michel “A escrita de si” In: *O que é um autor?* 4ª edição Passagens/Vega 2000, também, GOMES, Ângela de Castro “Escrita de Si, Escrita da História” In: *Escrita de Si, Escrita da História* FGV, 2005.

<sup>56</sup> Optou-se, aqui, por diferenciação porque apesar da relação estabelecida ter sido de distanciamento de um grupo de intelectuais, houve a intenção de formar uma rede de pesquisas própria.

Para suceder a Alencar não basta possuir um talento igual ao seu: é preciso aquela *vontade* que não fraqueava, aquela *constância* que não arrefecia, aquela preparação conscienciosa a que submeteu-se, aquela *isolação fecundante* a que se votou. Por isso, nos trinta e tantos volumes que legou-nos, é sensível uma constante progressão. [Grifo meu]<sup>57</sup>

O necrológio, como escrita de natureza biográfica, quer, muitas vezes, destacar um sentido, um valor para a vida que se narra ainda no calor da morte. Esses valores que laurearam a vida do defunto enformaram, também, a visão de mundo de Capistrano. Na imagem a ser exaltada e lembrada no Necrológio de Alencar, alguns contornos de sua feição são valores já exaltados por certo compromisso do próprio Capistrano com referência à sua ação no mundo como intelectual. Tal postura, que não declina em fraqueza de observação do cotidiano político, se constrói como uma referência positiva a certo puritanismo, como uma ética que Alencar possuiria ao distanciar-se de determinadas práticas.

Na passagem citada, uma série de palavras são costuradas de maneira simultânea – possuindo uma comunidade de sentido – pela valorização daquela constância que era irreconhecível durante o período colonial e que seria uma das causas da impossibilidade de avanço que levasse ao progresso. Ele seria capaz “de formar convicção firme sobre um assunto e por ela pautar seus atos”, como argumentava em seus *Capítulos de História Colonial*. “Isolação”, “constância” e “progressão” são palavras que trabalham na mesma sintonia em todas as referências feitas ao conterrâneo Alencar. A própria casa de Alencar foi objeto da análise de Capistrano:

Nos últimos anos de sua existência, Alencar se isolara quase completamente. Na sua casa da Rua do Hospício ou de S. Clemente quebravam-se sem penetrar os burburinhos exteriores. Não é que sua alma fosse fria ou que pairasse-lhe sobre o orgulho que lhe atribuíamos que não o conheciam bem. Naturalmente reservado, conhecendo o que há de artificial em certas admirações, ele não cedia ao primeiro contato. Mas quem achava meios de falar ao seu espírito não poderá esquecer a conversação luminosa, os momentos eloqüentes, os ensinamentos fertilizantes que lhe fluíam dos lábios.<sup>58</sup>

O valor da noção de reserva é, mais uma vez, o atributo a ser admirado em Alencar como aquilo que lhe permite afastar-se do que há de “artificial em certas

<sup>57</sup> ABREU, João Capistrano de. “Livros e Letras” (sobre o segundo aniversário da morte de José de Alencar) 12/12/1879 In: *Ensaios e estudos*, 4ª série. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977. Apesar do artigo datar de período anterior ao que se propõe analisar, sustenta-se, nesta argumentação, que houve uma manutenção desta perspectiva. Não se acredita, ao longo desta dissertação na disjunção entre os dois instantes de vida.

<sup>58</sup> Idem. p. 47.



admirações”. Há uma noção de isolamento, mas que não declina em fuga ou escapismo, que Abreu visualiza em Alencar que, apesar de ríspido ao primeiro contato, possibilita uma “conversação luminosa”, capaz de aproximar somente daqueles que lhe interessam. A “isolação fecundante” é aquilo que lhe permite se aproximar daqueles que lhe interessam. Alencar é o personagem que se constrói de maneira solitária, cultivando um dado alheamento do mundo que exponencia o que lhe é próprio. “O que foi no mundo literário José de Alencar deveu unicamente a si. Nunca trocou elogio por elogio, nunca pediu que o elogiassem, nunca chegou ao requinte moderníssimo de escrever seu próprio elogio...”<sup>59</sup> Um recolhimento para melhor conhecer, fruto da *prudência* diante do mundo, que implica a “progressão” pela constância nas idéias diante de um mundo “artificial”.

Essa seria uma postura a ser propagada, mesmo sendo aqui exemplificada pela admiração do jovem Capistrano por Alencar – admiração que nunca morreu – diante de um presente em que as posturas intelectuais estivessem corrompidas. Como recomendará o autor a Mario de Alencar, filho de José de Alencar, “Queixamo-nos da vida; entretanto, Spinoza passou toda a vida a polir vidros, e, entretanto, da modesta oficina do judeu luso-holandês saíram idéias que atravessaram o mundo, e correrão sempre, sujeitas embora aos caprichos e às limitações do gênero homo...”<sup>60</sup>

Inicialmente, esta busca por diferenciação converge na crítica a pompas excessivas e à principal instituição que cuidava dos estudos da História do Brasil durante o período: o IHGB. Em carta destinada ao presidente do Instituto, Afonso Celso de Figueiredo Júnior, recusa a medalha a ser recebida pelo seu livro sobre os caxinauás:

Muito grato pela imerecida prova de apreço, socorro-me do precedente aberto pelo benemérito Francisco Adolfo de Varnhagen, glória da pátria e lustre desta casa, para rogar ao Instituto, com os reiterados respeitos, a oferta que faço da medalha deste prêmio, que a sua benignidade me confere, para propor como assunto novo em outro concurso. Apresento a V.Excia. os meus protestos da mais alta consideração.<sup>61</sup>

Capistrano declinava do recebimento desta comenda, assim como criticava, na mesma carta, o modelo de intelectual que Max Fleiuss – então secretário do

<sup>59</sup> Idem. p. 51.

<sup>60</sup> Carta para Mário de Alencar em 14/01/1910 In: *Correspondência de Capistrano de Abreu* Vol 1. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977. p. 203.

<sup>61</sup> Carta de Capistrano de Abreu para João Lúcio Azevedo 14/04/1918 In: *Correspondência de Capistrano de Abreu* v.2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977.

IHGB – encarnava. O carreirismo, o uso do conhecimento como meio e não como fim e os elogios como forma de ascensão profissional eram a expressão do caráter exíguo que esta perspectiva intelectual apresentava.

Cabe pontuar que o IHGB preconizava um tipo específico de estudo da história. Os membros efetivos do IHGB tinham em mente a elaboração de um passado que justificasse as qualidades da monarquia brasileira. Os historiadores cumpriram um duplo papel, posto que estariam com os olhos direcionados ao passado, discriminando aquilo que atestasse os acertos do presente, ao mesmo tempo em que, como produto deste trabalho de pesquisa, estariam eles próprios estabelecendo os limites de um projeto específico de nação. Nesse sentido, uma vez implantado o Estado Nacional, impunha-se como tarefa o delineamento de um perfil para a ‘nação brasileira’, capaz de lhe garantir uma identidade própria no conjunto mais amplo das ‘Nações’, de acordo com os princípios organizadores da vida social do século XIX.<sup>62</sup>

A dificuldade de se relacionar com este meio intelectual de maneira profícua, conforme suas missivas insistem, indicava uma determinada e diferenciada maneira de ponderar acerca da escrita da história. Se a escrita da história elaborada pelo IHGB tinha o Estado enquanto principal preocupação, para Capistrano a nação era o objeto privilegiado a ser enfrentado.<sup>63</sup> Isto nos leva à troca epistolar com outro missivista com quem Abreu, através de uma relação pedagógica, manteve diálogo durante muitos anos. Na correspondência com Afonso Taunay, a quem Capistrano deu aulas enquanto jovem, fosse aconselhando-o com conselhos acerca das pesquisas em andamento, fosse ao realizar sugestões e repreensões acerca de projetos e posturas no cotidiano, a modéstia gravitava enquanto presença constante em seus conselhos.

Afonso Taunay, quando ainda de sua estadia no Rio de Janeiro, estudou no colégio Pedro II e foi aluno particular de Capistrano de Abreu. Já mais velho, foi diretor do Museu Paulista, onde se notabilizou, então, pela pesquisa de temas históricos relacionados à história de São Paulo, principalmente referentes ao

<sup>62</sup> GUIMARÃES, Manoel Luís Salgado. “Nação e Civilização nos Trópicos: o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o projeto de uma História Nacional” In: *Estudos Históricos*, nº1, 1988. pp 5-27.

<sup>63</sup> Não cabe aqui aprofundar o ponto, pois a preocupação está direcionada para um outro foco. Mas com relação a este contraste, a primeira formulação a respeito é de José Honório Rodrigues In: RODRIGUES, José Honório *Capistrano de Abreu e a historiografia brasileira* apud ABREU, Capistrano de *Correspondência* vol. 1 pp. XXXVI – XLVI.

primeiro ano da Província. Diferentemente de Capistrano, Taunay conviveu de forma produtiva com as instituições de que fez parte, caso do IHGB e sua filial paulista, o Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, e da Academia Brasileira de Letras – tornou-se acadêmico no ano de 1929. Mais distinto ainda de Capistrano, Taunay estabeleceu uma vultosa história do Brasil.<sup>64</sup>

Conselhos os mais diversos, principalmente direcionados ao encaminhamento de suas diversificadas pesquisas, gravitaram por mais de vinte anos de correspondência. Apesar de possuir referências ao cotidiano e aos familiares – uma atmosfera de interlocução – as missivas enviadas por Capistrano levavam o traço da orientação, tendo por singularidade a ampla quantidade de críticas aos diferenciados empreendimentos do historiador paulista. Apesar de configurar uma relação entre mestre e discípulo, as críticas eram contundentes à intenção do antigo aluno de aprisionar Capistrano em um tipo específico: a do Mestre repleto de títulos bacharelescos. Dirá Capistrano, de maneira enérgica

É você teimoso! Já lhe disse várias vezes: nem mestre nem dr.! Mestre!? Mestre de meninos? Sabe você perfeitamente que me doutorei na ‘academia de xexem’. Não reincida que o caso é de *non placet*.<sup>65</sup>

Esta carta singular alia-se a outra na qual sua modéstia é o elemento que permite gerar a crítica:

Disseram-me que o Instituto anda em pasmaceira. A Revista não sai porque não há dinheiro? Mas se o diário Oficial a imprime! Ouvi dizer que o pior estorvo provém de brigas de politicagem provinda da disputa do penacho. Dizem que fervem. Que há de exato nisso? Sempre a mesma história das competições pessoais e da vaidadezinha toleirona! Com isto padecem as Musas. Enfim não quero meter-me nestas brigas nem fazer o papel de conciliador. E você andará muito bem se alhear de semelhante ambiente.<sup>66</sup>

Crítico voraz da sistemática de bajulações e promoções personalistas que caracterizavam as instituições que produziam o conhecimento histórico em sua época, Capistrano de Abreu pareceu não se sentir à vontade, mais uma vez, diante das práticas de pesquisa realizadas no início do século XX. Novamente o Instituto

<sup>64</sup> AHRENZINI, Karina “Correspondência e escrita da história na trajetória intelectual de Afonso Taunay” In: *Estudos Históricos, Rio de Janeiro, nº 32, 2003*.

<sup>65</sup> Carta a Afonso de Taunay s/d In: ABREU, Capistrano *Correspondência de Capistrano de Abreu*. v.1 Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977. p. 274. Para uma apreciação específica acerca desta carta ver CÂMARA, Jose Aurélio Saraiva. *Capistrano. Biobibliografia*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1969.

<sup>66</sup> Carta de Capistrano para Afonso Taunay datada de “Idos de Março” de 1917 In: *Correspondência de Capistrano de Abreu* vol.1. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977. p. 280.

Histórico é alvo de críticas devido à sua conjunção entre inércia e vaidade. Mesmo direcionando-se a outro missivista, neste caso o ex-aluno Taunay, a manutenção da politicagem e pessoalidade nas relações entre os membros permanece sendo uma das causas fundamentais da ausência de sentido e ação da instituição. O conselho de Abreu para Taunay é certo: alhear-se do ambiente.

Este distanciamento virá atrelado a outro conselho presente em uma carta já famosa. Avesso aos elogios que se obtinham nas conferências, conforme era prática na época, Abreu recusou o convite da Academia Brasileira de Letras, em missiva que se tornou obrigatória em seus estudos: “Fui inscrito na Academia humana independente de consulta e já acho excessivo. Os fundadores da Academia de Letras daqui eram todos meus amigos, instaram comigo para que lhes fizesse companhia. Resisti e cada vez mais estou convencido de que fiz certo.”<sup>67</sup>

No já citado artigo de cunho biográfico sobre Duque de Caxias, este elogio da modéstia está presente. Após entrelaçar a vida do próprio Caxias ao conjunto de mudanças políticas que ocorreram ao longo do século XIX, narrou a ascensão de títulos conseguidos – barão, conde e duque – até o período de sua morte. Ao fim do artigo, terminou mostrando a articulação entre político e militar no biografado e afirmou: “rejeitou todas as honras e pompas oficiais, quis ser enterrado como obscuro paisano.”<sup>68</sup>

À modéstia, viria se aliar a sobriedade. Esta particularidade seria presença constante no conselho aos correspondentes.<sup>69</sup> Novamente em carta destinada a Afonso Taunay, Abreu exercitou o papel de orientador tecendo críticas no que dizia respeito, inclusive, à organização de suas atividades e ao estilo de sua escrita. Em carta datada de meados de 1917, ao abordar o trabalho que vinha realizando acerca de Pedro Taques, Capistrano questionou o estilo do ex-aluno: “Como vai o Taques? Não recebi a continuação dos seus artigos. Ouça-me: nada de alusões literárias! Nem mesmo as corriqueiras: o que uma geração conhece é muitas vezes

<sup>67</sup> Carta de Capistrano de Abreu para João Lúcio Azevedo (02/06/1917) In: *Correspondência de Capistrano de Abreu*. vol. 2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977. p. 58.

<sup>68</sup> ABREU, Capistrano de “O Duque de Caxias” 04/08/1903 In: *Ensaio e Estudos 2º série*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977. p. 18.

<sup>69</sup> Apesar de admirar a convicção de espírito do jesuíta Vieira, Capistrano diria em carta a João Lúcio Azevedo (03/09/1917): “Encontrei um volume truncado de Vieira, e li o Sermão dos Reis Magos, pregado diante do Marquês do Montalvão, e o panegírico do padrinho. Nunca me acostumei com a eloquência do jesuíta, toda crivada de porquês, em que o galarim consiste no por isso mesmo.” In: *Correspondência de Capistrano de Abreu* vol.2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977. p. 63.

totalmente ignorado pela seguinte.”<sup>70</sup> A retórica também seria recriminada, ao longo da correspondência, – “deite fora a retórica, reduza o volume ao rigorosamente significativo” – e criticava, de maneira contundente, as alusões vagas e indiretas. O seu papel na orientação dos estudos o colocaria, mais uma vez, na posição de crítico do estilo do aluno: “Mais uma vez chamo sua atenção para as paráfrases e alusões. Não estará V. em idade de poder ou vir ainda libertar-se deste cacoete? Não tenha medo de fazer artigos curtos e siga o conselho augusto: pão, pão; queijo, queijo.”<sup>71</sup>

A exuberância, o excesso e a retórica que, segundo Capistrano, eram vazios, seriam presenças constantes no estilo de Taunay. O sentido de retórica que Abreu parece mobilizar se referia à ornamentação da escrita, a tudo aquilo que não expressasse, imediatamente, a idéia que se queria exprimir. Ao escrever, Capistrano solicita que o amigo Afonso o fizesse através de um conjunto de argumentos lógicos, elaborados e sustentados a partir de documentos. Por isso, Capistrano pediria ao amigo que fizesse um imenso e difícil sacrifício: “Se V[ocê] for capaz de sacrifício, aconselharia um: deite fora a retórica, reduza o volume ao rigorosamente significativo e ajunte como apêndice o Frei Gaspar aos seus estudos sobre São Paulo no século XVI.”<sup>72</sup>

Os conselhos dados aos diferenciados interlocutores que o tinham como “mestre”, apesar de odiar o título, diriam que Capistrano guardou para si esta sobriedade de estilo. Paulo Prado, outro dos missivistas com quem João Capistrano compôs uma troca epistolar regular, diria que o estilo do próprio Capistrano, ao final da vida, teria se tornado extremamente objetivo e claro. Capistrano chegara “à perfeição de extrema brevidade e singeleza, contraída numa sintaxe sem artigos, sem verbos auxiliares, despojada de adjetivos redundantes”.<sup>73</sup> Tanto em suas cartas, devido à própria Natureza da troca epistolar, como em seus *Capítulos*, Capistrano exercitou uma escrita telegráfica.<sup>74</sup>

<sup>70</sup> Carta de Capistrano de Abreu para Afonso Taunay “meados de 1917” In: *Correspondência de Capistrano de Abreu* vol.1. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977. p. 284.

<sup>71</sup> Carta a Afonso Taunay 17/12/1919 In: *Correspondência de Capistrano de Abreu* vol.1. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977. p. 304.

<sup>72</sup> Carta de Capistrano para Afonso de Taunay 26/08/1919 In: *Correspondência de Capistrano de Abreu* vol.1. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977. p.302.

<sup>73</sup> PRADO, Paulo. *Paulística* apud VIANNA, Hélio. *Ensaio biobibliográfico* In: ABREU, João Capistrano de. *O Descobrimento do Brasil* 1999.

<sup>74</sup> Como dirá em seus *Capítulos de História Colonial*: “Pau-Brasil, papagaios, escravos, mestiços condensam as obras das primeiras décadas” In: ABREU, João Capistrano de. *Capítulos de História Colonial*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977. p.28.

Retornando à dimensão autobiográfica do autor, dispersa em suas missivas, é interessante notar que ele buscava tanto quanto praticava uma posição de excentricidade. Mas uma excentricidade que, ao invés de investir no performático, no teatral e excessivo, apostava na modéstia e na sobriedade enquanto maneira de se “automodelar”. Este conjunto de atributos constrói uma postura que caracterizava uma tradição intelectual específica. Roger Chartier, ao estudar o homem de letras, pondera que o afastamento do mundo e o desinteresse de questões cotidianas em prol das atividades do pensamento eram o alicerce da construção do discurso pedagógico na França do século XVIII. Lidando com autores diversos, analisa que estes supunham que o distanciamento do mundo das paixões orientava sua atenção e sua dedicação à edificação de um saber de valor coletivo.<sup>75</sup> Mesmo escrevendo suas missivas no início do século XX, Capistrano de Abreu seguiu alguns desses atributos, principalmente a aversão a pompas e futilidades, investindo em seu caráter de estudioso recluso e direcionado a questões maiores, que diziam respeito aos interesses da nação.<sup>76</sup>

Modéstia, sobriedade, distância: características que delineiam uma escrita de si a ser exaltada no “pequeno mundo dos intelectuais”.<sup>77</sup> Em sua correspondência, João Capistrano, lidando com aspectos de sua vida pessoal, investe em mais um dos aspectos de sua modelagem: o conformismo. Ao divagar sobre o ócio, a velhice, a solidão e a morte, em carta a Mário de Alencar, fala do sentimento de perda:

Considero-me uma ave qualquer que desde quase vinte anos outra coisa não fez senão perder penas; as novas não substituem as antigas, e o vôo faz-se cada vez mais rasteiro, e lá um dia virá, sobre todos desejado, em que cesse a faculdade de voar. Eis o meu caso, querido Mário. Não sou pessimista, não sou otimista, sou um conformista, quem sabe? Um satisfeito, mas hoje gosto tanto de não ser obstrutivo (sic).<sup>78</sup>

<sup>75</sup> CHARTIER, Roger. “O Homem de Letras” In: VOVELLE, Michel (org). *O Homem do Iluminismo*. Lisboa: Editorial Presença, 1997. p.117-153.

<sup>76</sup> Apesar de Capistrano ter sido um erudito que adquiriu saber profundo em uma determinada disciplina, a imagem, fruto da leitura de Chartier acerca do *homem de letras*, viabiliza uma série de aproximações devido ao investimento pessoal do próprio Capistrano.

<sup>77</sup> A expressão, aqui, é utilizada conforme GOMES, Ângela. *História e Historiadores*. Rio de Janeiro: FGV, 1997. Cabe considerar que estes atributos foram ressaltados por biógrafos de Capistrano, como Hélio Vianna e José Câmara, como atributos que o particularizaria nos estudos de História do Brasil. A perspectiva aqui adotada é justamente pensar estes atributos enquanto uma interferência no mundo.

<sup>78</sup> Carta a Mário de Alencar 09/01/1910 In: *Correspondência de Capistrano de Abreu* vol.1. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977. p. 213.

Como se fosse parte integrante de si, Capistrano fala do conformismo associando-o aos anos que passaram e de suas perdas familiares e de amigos. Uma “ave” que outra coisa não fez senão “perder penas”. Um “vôo” cada vez mais rasteiro em que o conformismo ou a satisfação parecem ser o único diagnóstico pela proximidade da perda da “faculdade de voar”.

A tendência à margem era um projeto autobiográfico do próprio Capistrano, no sentido de cultivar distância em relação ao cotidiano em plena consciência de seu distúrbio, em plena consciência da impotência de influir em seu curso. As cartas que trocou com João Lúcio Azevedo, principalmente as posteriores a 1919, foram ilustrativa neste sentido.

Vou encontrar-me com a última semana de eleição presidencial. Não sou eleitor, não acredito que haja alguém capaz de salvar o Brasil ou de perdê-lo. Bem nenhum poderá me fazer, porque desde muitos anos limitei minhas ambições a morrer sem escândalo, como nasci.<sup>79</sup>

A satisfação, citada na carta anterior, é a aceitação tácita de que o tempo já não pode mais propiciar mudanças. Ela veio, contudo, atrelada ao referencial objetivo, nesta carta, construída como se sua afirmação somente fizesse sentido ao ser contraposta à imagem da nação. As cartas enviadas por Abreu para Mário de Alencar comungavam com este argumento. Diferente das cartas enviadas para João Lúcio Azevedo, as cartas para o filho de José de Alencar apresentam um referencial propedêutico. A diferença de idade e as específicas experiências vivenciadas por Capistrano fizeram com que ocorresse uma demarcação clara do diferenciado lugar estabelecido entre ambos. Observa-se, como principal elemento encadeador da troca epistolar, uma ampla gama de conselhos proferidos pelo polígrafo cearense ao escritor mais jovem.<sup>80</sup> Nesta troca de missivas com o jovem escritor, Capistrano abria sempre veredas para falar de si mesmo. Há uma significativa carta em que, ao refletir sobre as possibilidades de mudança e transformação na vida do destinatário, tece reflexões sobre a sua. Ante um espelho, modelou-se por diferença:

<sup>79</sup> Carta a João Lúcio Azevedo (Pedras Altas 26/03/1919) In: *Correspondência de Capistrano de Abreu* vol.2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977. p. 117.

<sup>80</sup> Uma análise mais detida acerca deste referencial propedêutico, expandindo e compreendendo que esta troca caracterizou uma entrada em si mesmo por parte de Capistrano Ver: AMED, Fernando. *As cartas de Capistrano de Abreu. Sociabilidade e vida literária na belle époque carioca*. São Paulo: Alameda, 2006. pp. 238-250.

Ainda aqui se reduz minha opinião a repetir: fora com o ramerrão! É difícil; mas é possível dar uma direção à vida, como gato que se vira no ar e cai sobre os pés: em nosso tempo, Goethe fez isto, depois da viagem à Itália; Comte fez isto depois de conhecer Clotilde; anteriormente Dante tivera a idéia da *Vita Nuova*; precedentes não faltam, falta é quem se inspire neles e aumente o número. Eu infelizmente não o consegui, e já dei de mão a tais ambições. Estão chamando e o portador vai sair. Até outra.<sup>81</sup>

Suas colocações construía uma atmosfera de aparente imobilidade quanto aos seus desejos mais particulares e também no que aludia à sua produção textual. O comentário final acerca da impossibilidade de revisão – “já dei de mãos tais ambições” – terminou por apresentar certa dose de *aceitação* incontestável do futuro.

Talvez o nome que assinava, ao final da vida, como “João Ninguém” ajude-nos a pensar este ponto. Rebeca Gontijo afirma que uma hipótese plausível para o nome “João Ninguém” por João Capistrano de Abreu é a idéia de que Capistrano se sentia como um *leitor errante*.<sup>82</sup> A aversão a títulos bacharelescos, que era expressa nas cartas para o correspondente Taunay, era tomada para si mesmo no conjunto de cartas ao fim da vida, reiterando, na própria assinatura, certo amoldamento às circunstâncias. “João Ninguém” parece se referir, também, ao conjunto de investimentos, ao longo da vida, que não germinaram. Como se tivessem sido inférteis os investimentos familiares e as esperanças de que o país avance. Filhos que morreram, país que não avançava e esposa que faleceu cedo.

Houve um investimento, ao longo de toda a sua epistolografia, em uma determinada imagem a ser moldada. Um artesanato pessoal construído, cuidadosamente, no trânsito de suas missivas, que investiu em si mesmo como aquele que atingiu a maturidade. Característica já observada por alguns biógrafos<sup>83</sup>, ela nos serve, aqui, para um detalhamento. Enquanto esta consideração poderia vir simplesmente associada à preguiça e à falta de metodismo, que implicaria a inconclusão de múltiplos e diferenciados trabalhos, ela possui, além disso, um contraste, ao longo de outras missivas, com uma espécie de aprofundamento da individualidade. Se a nação é o espaço de diferenciadas e turbulentas experiências cotidianas e se a vida pessoal trouxe a fragmentação da

<sup>81</sup> Carta de Capistrano para Mário de Alencar 14/12/1910 In: *Correspondência de Capistrano de Abreu* vol.2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977. p.210.

<sup>82</sup> Conforme Gontijo observa, houve um impasse promovido pelo Capistrano leitor que teria levado o Capistrano escritor à imobilidade e à inconclusão. Deriva daí a imagem do autor como um leitor errante com pesquisas que derivavam ao infinito. In GONTIJO, Rebeca. *O velho vaqueano: Capistrano de Abreu, da historiografia ao historiador*. Niterói: UFF Tese de Doutorado, 2006.

<sup>83</sup> CÂMARA, José Aurélio Saraiva. *Capistrano de Abreu. Biobibliografia*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1969.



família e a inconclusão de projetos, o enriquecimento e a expansão da vida interior somente podem ocorrer através de uma particular conduta, que se sustenta no distanciamento de uma ordem objetiva turbulenta e artificial e na linearidade entre pensamento e ação, o esforço para conciliar o fazer e o pensar.

### 2.5 Autenticidade e formação

Numa palavra, esta seção é dedicada ao aprofundamento de um dos caminhos que Capistrano utilizou para a sua construção de subjetividade e que perpassam suas afirmações, tanto de cunho autobiográfico como os conselhos e colocações que enviava para os mais diferentes missivistas. Na verdade, pode-se dizer que não se trata simplesmente de um elemento que componha, junto aos outros, os diferentes caminhos pelos quais modelou a sua personalidade, simplesmente, mas, talvez seja, além disso, o argumento que baseia a visão de mundo de Capistrano de Abreu.

O argumento presente, de uma forma geral, em suas epístolas, para caracterizar sua figuração de si, é o da autenticidade. Dimensionando-se na camada mais recôndita capaz de ser perscrutada e acessada, ela se refere menos ao relacionamento tecido com o outro, mas àquilo que realmente somos, apesar das diferenciadas maneiras como construímos diferenciados papéis nas interações sociais. Uma unidade livre e autônoma frente à ampla totalidade de eventos que se sucedem em um plano mais geral.<sup>84</sup> O critério valorativo que Capistrano adotou com relação a uma determinada maneira de compreensão do mundo teve por princípio esta autenticidade, enquanto expressão cultural que se caracterizava por ser espiritualmente harmoniosa, interna ao indivíduo, desvinculada do grau de sofisticação social e material.<sup>85</sup>

---

<sup>84</sup> A noção de autenticidade aqui seguida vem influenciada pelo artigo de GONÇALVES, José Reginaldo “Autenticidade, Memória e Ideologias Nacionais: O problema dos patrimônios culturais”. In: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 1, n. 2, 1988, pp. 264-275.

<sup>85</sup> Aqui apóia-se a reflexão na compreensão de Trilling acerca da diferença entre sinceridade e autenticidade, indicando que ambas surgem no mundo moderno, mas que também a autenticidade substitui a sinceridade como elemento central na visão de mundo individualista. Enquanto a noção de sinceridade é pública e social, e corresponde a uma demanda do grupo e não do indivíduo, a autenticidade relaciona-se a um verdadeiro *self*, uma verdade interior. In: TRILLING, Lionel. *Sincerity and Authenticity*. Cambridge: Harvard University Press, 1971.

Vale destacar que a autenticidade inclui, ou tematiza, certa unidade entre o lado espiritual/intelectual e o lado corporal. Daí sua insistência no concreto, ou seja, o corporal, o individual. A imagem descrita por Capistrano de Abreu no necrológio de José de Alencar tem como o alicerce do seu argumento esta convergência entre interior e exterior capaz de manter a constância nas idéias e de não se submeter ao que havia de artificial nos cumprimentos e frivolidades<sup>86</sup>. Neste percurso, há a convergência deste comportamento frente ao cotidiano com o que parece ser sua compreensão de individualidade. Apesar do gosto de conviver com os amigos, das viagens e reuniões, Capistrano, ao refletir sobre a existência, aponta: “Amigos, conversas, passeios, livros, tudo passa e tudo é vão: quem afinal fica reduzido a si próprio é que vê a realidade e conhece como tudo é insuficiente. *Is life worth living?* [vale a pena viver?].”<sup>87</sup>

Esta individualidade, que investia no fato de estar “reduzido a si próprio”, esteve ligada a um tipo de comportamento, levando a um outro elemento acerca da forma como Capistrano modelava a sua personalidade. O cumprimento das obrigações, o controle das paixões, o autocontrole racional estiveram intimamente ligados ao ideal de formação, presente em suas cartas e sugestões aos correspondentes. A recorrência da citação de Goethe em suas cartas foi sugestiva neste ponto, pois serviu de referencial constante para uma determinada postura seguida pelo polígrafo cearense. Seus livros ocupavam um lugar de destaque em suas indicações para outros missivistas, como, por exemplo, nas cartas a Mário de Alencar e Paulo Prado, onde afirmava múltiplas vezes a necessidade de “obrar segundo o pensamento”, afirmações derivadas de suas leituras dos livros do autor alemão, principalmente de seu *Os Anos de Aprendizado de Wilhelm Meister*.

O ponto central deste livro do autor de *Fausto*, também lido por Capistrano, estava na relação estabelecida entre a formação humanista da personalidade e o

<sup>86</sup> A autenticidade também já foi explorada por um outro percurso que a associa com o vínculo com o romantismo pela visão trágica do mundo, pautada, sobretudo, na idéia de contradição entre os valores e a realidade. Esse ponto é explorado em LÖWY, Michel. *Revolta e melancolia: romantismo na contramão da modernidade*. Petrópolis: Vozes, 1995.

<sup>87</sup> Carta a Joaquina “Kiki” de Assis Brasil 03/06/1919 In: *Correspondência de Capistrano de Abreu* vol.3. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977. p.71. Esta redução a si próprio também estava presente na mudança de projetos “Quando pensei em consagrar-me a História do Brasil, resultado de uma leitura febricitante de Taine, Buckle e da viagem de Agassiz, feita ainda no Ceará, não me lembro se pretendia abarcar toda a História do Brasil. Mais tarde reconheci que era necessário incluir a época contemporânea, mas a minha curiosidade dispersou-me a minha atenção por toda a parte e agora posso dizer com Monte Alverne: é tarde! Muito tarde!” Carta de Capistrano para Mário de Alencar (21/01/1914) *Correspondência de Capistrano de Abreu* vol.1. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977.

mundo. O livro trata da lenta formação do protagonista em seu início e trajetória em direção a um grau determinado de compreensão. Uma maturação que ocorreu ao longo da vida e possibilitou ao personagem alcançar o momento em que o sujeito apresentava-se como acabado. A realização dos ideais humanistas é não só o parâmetro de julgamento dos outros personagens da trama, como também o ponto de fuga que permite alinhar de maneira específica todos os critérios de ação do romance. Quando, em *Os Anos de Aprendizado*, o herói decidiu finalmente entrar para o teatro, formula a questão da seguinte maneira: “De que me serve fabricar um bom ferro se meu interior está cheio de escórias? E de que me serve também colocar em ordem uma propriedade rural, se comigo mesmo me desavim?”<sup>88</sup>

Há uma passagem fundamental em que Wilhelm, após gradualmente tecer relações de maior proximidade com o filho com que pouco teve contato, gradativamente muda sua forma de observação do mundo. O mundo deixa de apresentar sua face em desorganização – seu caráter de “edifício” que “erguido às pressas se deteriora antes de o deixarmos” – e passa a ganhar estabilidade – e “tudo que estabelecesse devia durar por várias gerações” pelo conjunto de investimentos que “pensava plantar” e “crescer” de encontro ao filho. “Nesse sentido, haviam chegado ao fim seus anos de aprendizado e com o sentimento de pai havia adquirido também todas as virtudes de cidadão.”<sup>89</sup> Como dirá Georg Lukacs, em um ensaio de 1936, “O teatro, e a poesia romântica ao longo do livro, são apenas meios para a expansão da personalidade humana.”<sup>90</sup> Esses diferenciados meios propiciarão a edificação daquilo que é singular.

Será neste sentido edificador que Capistrano irá recomendar a Mário de Alencar a leitura de um artigo do *The Nation*:

Se a câmara ainda recebe o *The Nation*, chamo sua atenção sobre um artigo do semestre passado, relativo a duas célebres quadrinhas de Goethe no *Wilh[elm] Meister*. O sentido é quem nunca comeu seu pão com lágrimas e passou as noites chorando sem dormir, não conhece os poderes celestiais, que atiram a criatura no mundo, fazem-na pecar, deixam-na entregue a si, porque tudo se expia nesse mundo...<sup>91</sup>

<sup>88</sup> GOETHE, Joham Wolfgam Von. *Os Anos de Aprendizado de Wilhelm Meister*. São Paulo: Ensaio, 2° ed., 1994. p. 357.

<sup>89</sup> Idem. p. 502.

<sup>90</sup> LUKACS, Georg. “Os Anos de aprendizado de Wilhelm Meister” (1936) In: GOETHE, Op. cit. p. 658.

<sup>91</sup> Carta de Capistrano de Abreu para Mário de Alencar 15/09/1915 In: *Correspondência de Capistrano de Abreu* vol.. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977. p. 243.

Comer “pão com lágrimas” e passar as noites “chorando sem dormir” é a condição para que o sujeito se compreenda enquanto personalidade diferenciada dos outros, uma criatura atirada, “entregue a si”. Formar-se: o homem se faz no mundo, pois o que se “expia nesse mundo” é o que possibilita o desenvolvimento da personalidade. Incorporando as reflexões de Harvey Goldmann acerca do romance de formação goethiano, o autor observa que o conceito de personalidade é central e crucial para a composição da *Bildung* e que não há outra palavra que pode ser mais característica a ela. Personalidade é um elemento fundamental do *self*, neste caso. *Bildung* implica a suprema ênfase nas tendências do coração. Ela faz com que o homem busque uma elevação espiritual e refino emocional, individualização mental e perfeição moral.<sup>92</sup>

Esta perfectibilidade a ser alcançada pelo indivíduo, que se forma a partir de um desenvolvimento individual em relação estreita assumida com a ambiência cultural<sup>93</sup>, estava presente principalmente em frases do *Wilhelm Meister* de Goethe que foram utilizadas por Capistrano, conforme a troca epistolar com Mário de Alencar e Paulo Prado indica. Como Abreu diria diversas vezes tanto para Paulo Prado como para Mário de Alencar, “obrar é fácil, pensar é difícil, obrar segundo o pensamento é mais difícil ainda.”<sup>94</sup> A busca pela sincronia entre pensamento e ação é tópica do romance de formação.

Ainda neste ponto, mas caminhando para um outro terreno, conforme observou Gadamer, “o ideal de formação... talvez seja a grande idéia do século XVIII.” Ao refletir acerca deste conceito, observa o estrito vínculo entre formação e universalidade: “A formação como elevação à universalidade é uma tarefa humana. Exige um sacrifício do que é particular em favor do que é universal. O sacrifício do particular, porém, significa a inibição da cobiça, e com isso, liberdade de seu objeto e liberdade para a sua objetividade.”<sup>95</sup> A formação intelectual de Capistrano compreendia formação cultural não como imitação, mas como participação criativa, como a capacidade do indivíduo de completar sua própria

<sup>92</sup> GOLDMAN, Harvey. *Politics, Death and the Devil: self and power in Max Weber and Thomas Mann*. University of California Press, 1992. p. 27.

<sup>93</sup> “O Conceito fundamental de *Bildung* significa formar a alma por meio do ambiente cultural. O conceito de *Bildung* requer uma individualidade que, como ponto de partida único, deve desenvolver-se numa personalidade formada ou saturada de valor.” In: RINGER, Fritz K. *O Declínio dos Mandarins alemães*. São Paulo: Edusp, 2000. p. 95.

<sup>94</sup> Carta e Capistrano para Paulo Prado 15/02/1925 esta frase seria repetida para uma série de outros missivistas ao longo de toda a sua correspondência.

<sup>95</sup> GADAMER, Hans-George. *Verdade e Método. Traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica*. Petrópolis: Vozes, 1995.

formação. Um crescente aprimoramento de cada indivíduo que conduzia à autoconsciência no plano individual; e que, no plano coletivo, implicaria a constituição de uma humanidade qualificada pela cultura.<sup>96</sup> A tônica é como formar-se a partir da vivência.

Retornando ao romance goethiano, Wilhelm é a expressão de uma individualidade plural, a narrativa de uma vida que está organicamente atrelada aos outros personagens dispostos na trama. Os diferentes conflitos, choques e divergências existentes não geram ruptura ou separação, mas servem de passo para a coerência final da obra. A expressão mais acabada do homem inteiro, no sentido de *Os anos de Aprendizagem*, é a forma adequada para uma dupla reflexão: o indivíduo batalhando concretamente na vida e espelhando em si um mundo inteiro. O romance é a efetivação desta tensão e saber em uma forma que é diferente em cada indivíduo.

Esta idéia de um indivíduo capaz de alcançar o próprio de sua singularidade, através de um processo de formação, está muito próxima à idéia de cultura caracterizada por Simmel no momento em que constatava seu desaparecimento no contexto da modernidade européia. No texto chamado “Subjective Culture”<sup>97</sup>, o autor descreve o ideal de perfectibilidade ao qual estava ligada a tradição romântica alemã. A relação entre a interioridade de uma entidade individualizada e um agente cultural externo ocorre a favor do aperfeiçoamento das qualidades inerentes ao primeiro. Nessa perspectiva, cultura era entendida como “cultivo”, o desenvolvimento daquilo que já existia em sua própria individualidade.

Este detalhamento da noção de cultivo nos permite compreender em que se baseia a noção de expansão de vida interior que Capistrano parecia mobilizar. Em uma carta, após suspeitar do lançamento de Mário de um livro de bolso que poderia não arrecadar cifras de vendagem, Abreu, de maneira incisiva, apontava ao amigo escritor:

---

<sup>96</sup> “O Termo *Weltschauung* é costumeiramente traduzido por visão de mundo ou ‘concepção integral de mundo’, mas o termo chegou a significar mais que isso. Ele não se referia apenas ao entendimento total e sistemático da realidade ou uma ênfase metafísica distinta da meramente “epistemológica”. Também aconselhava uma síntese pessoal das observações e juízos de valor, na qual os objetivos do indivíduo estariam relacionados com seu entendimento do universo In: RINGER, Fritz K. *O Declínio dos Mandarins alemães* São Paulo: Edusp, 2000. p. 110.

<sup>97</sup> SIMMEL, George. “Subjective Culture” In: *On Individuality and Social Forms*. Chicago: The University of Chicago Press, 1971.

Quase quinze anos Você tem sacrificado a seu pai: tome agora dez anos para si; depois, com a experiência e o saber adquirido neste prazo, torne a seu antigo culto, porque o perigo do epigonato estará acabado, e poderá cumprir o seu dever com uma superioridade que você tem-se condenado a não adquirir, se persistir na atmosfera do herói de Encarnação. Não é isto idéia de momento, há muito penso assim, mais de uma vez tenho lhe dado a entender, desde que se oferece hoje a ocasião, expondo-lhe logo de uma vez sem ferrolhos todo o meu pensamento.<sup>98</sup>

Pertencer a uma atmosfera que não é a sua, eis o equívoco. O “condenado” Mário de Alencar insiste em não alcançar aquilo que lhe é próprio – sua “superioridade” – por ainda estar preso ao exemplo dado pelo passado. Ao longo das cartas enviadas para este interlocutor, há a construção de um diálogo que, além de possuir um caráter pedagógico, cada vez mais caracteriza um mergulho intimista do próprio Capistrano. Em outras palavras, une o inautêntico que visualizava em outro intelectual com a expansão que buscava para si mesmo. Em carta a Luis Sombra, ao tratar da entrada de sua filha para o Convento das Carmelitas, Abreu – apesar de toda dor causada pela escolha da filha de um projeto radicalmente diferente do seu – afirmou que ela teria seguido o único caminho possível para a sua felicidade: “obedecer aos ditames da consciência, principalmente com sacrifícios.”<sup>99</sup>

A noção de autenticidade carrega, junto a si, a noção de vocação. Ainda dialogando com as cartas que tratam do tema da entrada da filha para o convento, dirá Capistrano, em outra carta endereçada a Mario de Alencar:

A 30 uma carta de Honorina, datada da véspera, comunicou-me a resolução de entrar já para o convento. Só a 2 pude ter com ela uma conversação íntima e perfeitamente inútil. Mesmo se pudesse, nunca me oporia a que seguisse a sua vocação; pedi-lhe apenas que adiasse a separação enquanto a vó estivesse viva.<sup>100</sup>

“Tenho querido ser psicólogo”. Assim caracterizaria Abreu, na continuação da carta, a função que gostaria de exercer para aplinar a sua dor. Com dor e amor unidos no peito, Capistrano continuaria dialogando com Mário, através das missivas, sobre a “crise” religiosa da filha, “em nossa longa conversação sondei-lhe bem a alma, depois meditei bem sobre tudo, deixando de parte o sentimento e

<sup>98</sup> Carta de Capistrano de Abreu para Mário de Alencar 14/12/1891 In: *Correspondência de Capistrano de Abreu* vol.1. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977. p. 208.

<sup>99</sup> Carta a Luis Sombra de 31/12/1910 In: *Correspondência de Capistrano de Abreu* vol.3. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977. p. 22.

<sup>100</sup> Carta de Capistrano para Mário de Alencar 28/12/1909 In: *Correspondência de Capistrano de Abreu* vol.1. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977. p. 213.

convenci-me de que sua resolução havia sido a mais acertada.”<sup>101</sup> Apesar da junção de sentimentos múltiplos, a vocação ainda seria considerada o caminho a ser seguido.

Esta ênfase no autêntico leva a outra questão acerca do caráter acusador de muitas das afirmações de Abreu. Conforme afirma Virgínia Buarque, a personificação de elementos simbólicos promovida pela sua filha e, posteriormente, Madre Maria José seriam os elementos principais do distanciamento entre ambos.<sup>102</sup> Observa a autora que através da troca epistolar, a filha buscou não somente sociabilizar suas práticas e dar sentido às mesmas, como também as tornou instrumento de um apostolado letrado, visando obter a conversão do pai à fé católica. Enquanto a Madre constituía sua biografia espelhando-se em padrões hagiográficos femininos, Capistrano, por sua vez, não se espelhava em nenhum modelo previamente estabelecido.<sup>103</sup> A possibilidade de se rascunhar de maneira similar a qualquer Outro era a expressão inautêntica de uma forma de vida que se compreendia em assimetria entre interior e exterior. Independente de qual fosse sua leitura, nenhum padrão, seja existencial, teórico ou filosófico seria capaz de servir de modelo para Abreu.

A escrita das cartas e a produção de um desenho de si que visasse ao distanciamento do que considerava a completa desorganização da vontade no espaço público – seja regido por múltiplas turbulências, seja por votações que não seguiam nenhuma relação de dignidade – era a expressão da tentativa de compreender-se de forma diferenciada, o que permite visualizar como sua pintura de si foi rascunhada em contraposição a outros intelectuais. Em cartas para vários correspondentes, verticalizava suas crítica ao caráter retórico da ação destes intelectuais e repetia um ditado captado de Tobias Barreto, que dizia que “no Brasil come-se em francês e se arrotta em alemão.”<sup>104</sup>

Nas considerações de Capistrano, a vida política era deprimente e repetitiva. Diante de um certo grupo de intelectuais, suas afirmações ganhavam, cada vez mais, a sonoridade da busca por autenticidade. Diante de um presente só-

<sup>101</sup> Idem Ibidem.

<sup>102</sup> BUARQUE, Virgínia. “Cartas do Claustro” In: *Trajetos. Revista de história da UFC Dossiê: Capistrano de Abreu*. Ceará: Vol.3 n°5, 2004. p.137-145.

<sup>103</sup> BUARQUE, Virgínia. *Escrita Singular. Capistrano de Abreu e Madre Maria José* Fortaleza: Museu do Ceará/ Secretaria de Cultura, 2003.

<sup>104</sup> Carta para Paulo Prado 16/12/1925 In: *Correspondência de Capistrano de Abreu* vol.2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977. p. 305.

superfície, a composição de uma identidade pautada por valores morais fixos e que seguisse ações de forma coerente, seria a única possibilidade de atrelar a seus atos uma dada postura ética. Seu desenho de si e sua percepção do país estavam em profunda assimetria, fazendo com que a sua imagem de outros intelectuais fosse condicionada por esta maneira de apreensão.

Entra-se, assim, no terreno de suas acusações acerca da noção de cópia. Seu principal alvo foi Joaquim Nabuco. Mais do que uma comparação que vise aproximar para definir diferenças, Nabuco foi presença constante em suas cartas, tornando-se, como pode ser claramente observado em suas cartas enviadas para João Lúcio Azevedo, parte constitutiva de sua “automodelagem”, assim como Rui Barbosa também o seria. Uma imagem invertida que se tornou parte constitutiva de seu próprio desenho.

Mando agora a *Minha Formação* de Joaquim Nabuco. Se já a conhece, passe adiante. Minhas relações com ele foram poucas. Alguns dias depois de 15 de Novembro, pegou-me na rua e, todo vibrante de indignação, expôs-me o seu monarquismo, graças a São Bagehot. Um capítulo sobre os Estados Unidos é digno de toda atenção. Quanto ao abolicionismo acho uma decepção. Quem o ler pensa que fez tudo: enquanto Patrocínio e Rui e outros batiam-se, estava na Inglaterra. Bonito homem, ainda ficou mais apolíneo quando encaneceu, conservando a tez de moço. Quando soube de sua nomeação para os Estados Unidos, disse a um pernambucano como ele: é branco, é bonito, é instruído; é a pessoa mais própria para dar uma falsa idéia do Brasil: não podia ser melhor a nomeação.<sup>105</sup>

Mesmo em se tratando de uma figura de grande aceitação pública, e que teve o seu nome relacionado à campanha de abolição, o Nabuco de Capistrano viveria de uma falsa imagem. Capitalizou para si uma luta para a qual nem sequer estava presente, visto que estava na Inglaterra. A mesma falácia se encontrava desenhada na sua escolha como representante brasileiro nos Estados Unidos. O que mais parece incomodar Abreu é a existência de uma vida que se estiliza de forma perfeita e acabada, rigidamente enquadrada pelas regras de etiqueta e, desta maneira, instalada em uma dimensão distante de qualquer espontaneidade e vontade humanas. Através da imagem do político pernambucano, presentificava-se uma característica do procedimento brasileiro, ou seja, viver das aparências e passar a idéia de ser um país viável. Nabuco é aquilo que o Brasil, seu povo, sua nação não era: branco, bonito, instruído.

<sup>105</sup> Carta para João Lúcio Azevedo 11/02/1920 In: *Correspondência de Capistrano de Abreu* vol.2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977. pp. 146-147.



Reiterava-se, nesta imagem, um embate entre artificialidade e autenticidade. A artificialidade não é propriamente a desordem em si, mas a reconfiguração de seus elementos em histórias e tramas que são percebidas como não-naturais. Ela pressupõe a distinção entre a solidez de uma profundidade e a leveza de uma superfície – um binarismo que corresponde à distinção entre um significado (profundidade) e as formas de sua expressão (superfície).<sup>106</sup> Tanto a autenticidade quanto a artificialidade se referem a uma relação entre forma e conteúdo, interior e exterior, onde, no caso de Capistrano, a opção por uma delas se fundamenta na crítica veemente a outra; uma escrita de si que tem como artifício o contraste com uma outra identidade que indique uma caracterização oposta. Ou seja, Capistrano, em suas observações, sustenta a complementaridade entre a expressão física e o conjunto dos atos do indivíduo como a marca daquilo que lhe é particular.

A assimetria entre forma e conteúdo, que teria em Nabuco seu principal exemplo, devido à assimilação dos valores franceses, seria a expressão da excessiva retórica que impregnava os ares deste intelectual-vitrine. Seu contato estreito com a Europa, muitas vezes definido pelo deslumbramento e por afirmações de descaracterização dos trópicos, tornava Nabuco o exemplar, por excelência, de um grupo de intelectuais que havia sucumbido ao desejo de tornar-se como o outro. Nesse caso, a Europa como desejo e os Estados Unidos como projeto político. Permite-nos afirmar que ele personificaria a expressão daquilo que ainda não havia sido superado, ao longo de muitos séculos, na História do Brasil e expresso em seus *Capítulos de História Colonial*: o sentimento de inferioridade do colono. Se em sua elaboração histórica houve a superação da inferioridade ante ao reinol, estava posta em dúvida a possibilidade de superação da inferioridade frente ao europeu pelo esquecimento de uma dada tradição e especificidade do brasileiro.

Aos olhos de Abreu, a fisionomia europeia deste Outro intelectual possui um caráter mimético, ressentido, que guardava velado o desejo de ser como o Outro. O Nabuco de Capistrano seria a expressão da excessiva valorização de uma norma estética fundada na aceitabilidade do padrão europeu de conduta. Uma padronização que teria como fim a reprodução formal de uma série de elementos incapazes de propor algum tipo de resposta às contradições de uma modernização

---

<sup>106</sup> Grande parte deste desenvolvimento acerca da noção de artificialidade encontra-se em GUMBRECHT, Hans Ulrich 1926. *Vivendo no limite do Tempo*. Rio de Janeiro: Record, 1997.

em curso no alvorecer daquele século XX, em terras brasileiras. Sempre o mais do mesmo, a recorrência, a reprodutibilidade e, pior, a aceitação. O mergulho em um clima do mais completo *artificialismo*.

Rui Barbosa também seria alvo de suas acusações. Contrapondo ilustração e rusticidade, Abreu contrasta Hermes e Rui, sem aderir a nenhum dos dois, mas caracterizando a “poliandria de idéias” como um vício que perdura em seu presente.

Dizem que Hermes não está preparado porque não é ilustrado. De que serve a ilustração, se, como no caso de Rui, apenas faculta a poligamia e a poliandria de idéias? Creio bem eu se tivesse o nariz carregado de um a outro extremo de lentes e óculos combinados, eu poderia enxergar; mas deve-se lastimar quem vê com os próprios olhos e dispensa artifício? Rui é um suntuoso banheiro de mármore, de água encanada, com duas torneiras, uma de água quente, outra de água fria, à vontade do freguês. De muito boa vontade troco-o pela cachoeira tosca da Gávea, e não peço compensação<sup>107</sup>.

Exterior e interior em assincronia, “artifício” como perversão. Rui Barbosa como um exemplar de intelectual incapaz de seguir um caminho linear, seguir os “dítames da consciência”; a expressão de uma figura duvidosa, a personificação de um “suntuoso banheiro de mármore”. Como possui “duas torneiras”, é incapaz de manter sua própria vocação, permanece “à vontade do freguês” com água quente e fria, conforme necessitarem as circunstâncias. A adequação e a ausência de vontade frente às contingências do âmbito político são os fundamentos desta crítica, de veio moral, que Abreu direciona ao outro intelectual.

Como forma de questionar esta postura intelectual e seu direcionamento político, Capistrano utilizava a imagem de outro intelectual como exemplo de retidão: Eduardo Prado. Como dirá Capistrano, em carta a Domício Gama, “o manual do Itamarati deve ser a *Ilusão Americana*. Tem um? Deve ter, mas é o livro de um homem.” [Grifo do autor]<sup>108</sup> Em seu *A Ilusão Americana*, Eduardo Prado afirmava a identidade nacional pela negação do exemplo norte-americano, apresentando a contraposição entre duas Américas: a América do espírito e a América da força. O intuito explícito era a crítica à instituição da República no Brasil. A antipatia em relação à república norte-americana, que seria vista como

<sup>107</sup> ABREU, Capistrano de *Correspondência* v.2 Civilização Brasileira 1977 2º ed. p.213

<sup>108</sup> Carta de Capistrano para Domício Gama (11/11/1916) In: *Correspondência de Capistrano de Abreu* vol.1. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977. p 262.

em constante guerra pela expansão dos sindicatos e pela expansão imperialista, era uma crítica à República dos militares.<sup>109</sup>

O que Eduardo Prado via na República era o desenfreado apetite individual que corrompia todos os valores, o particularismo contraposto ao domínio público, as soluções individuais em prejuízo do bem geral. O autor sugere um futuro em que os sindicatos lutariam contra a burguesia capitalista, fazendo com que os milionários se retirassem para a Europa. Numa outra opção, estes milionários estariam organizando os “Pinkertons” que seriam tipos de capangas “armados de revólveres e carabinas” que teriam a função imediata de “reprimir os operários revoltados”.<sup>110</sup> O milionário que ao longo da história utilizou a corrupção como forma de atingir seus objetivos, agora utilizava a organização militar. Mas todos os intentos terminavam decaindo e chegando ao mesmo desaguar. “Em todo o caso o resultado é o mesmo, porque quer tenha que ser servidor dos financeiros, quer tenha que ser instrumento dos militares, o homem público perde, com sua dignidade, a sua independência.”<sup>111</sup> O particularismo criava uma situação de corrupção na qual o governo de uns sobre os outros levaria à decadência. A idéia que permeia o pensamento de Eduardo Prado seria a de que o país praticava uma opção política deslocada, por imitação e moda, e que o motor de tal prática era o motor desfibrado do brasileiro. Em sua *Ilusão*, a noção de cópia, como aquilo que permeia o pensamento nacional, entra na composição de sua crítica à aproximação do Brasil ao modelo norte-americano: “Copiemos, Copiemos, pensam os insensatos, copiemos, e seremos grandes! Deveríamos antes dizer: sejamos nós mesmos, sejamos o que somos, e só assim seremos alguma coisa.”<sup>112</sup>

A imagem de Eduardo Prado para Capistrano seria a de um exemplo de intelectual, devido ao rígido código de moral que seguia e a capacidade de pensar com a sua tradição. Ele não teria sucumbido à sedução de valores estrangeiros, pecado mortal que a grande série de intelectuais— como Nabuco e Rui Barbosa — teriam cometido. O conjunto de atitudes políticas do autor de *Minha Formação* tinha como objetivo a submissão política do Brasil aos Estados Unidos, reatualizando um vício secular que teríamos herdado de Portugal. Ele seria a

<sup>109</sup> PRADO, Eduardo. *A Ilusão Americana* 5ªed. São Paulo: IBRASA, 1980. pp. 17-30.

<sup>110</sup> Idem. p. 59.

<sup>111</sup> Idem. p. 138.

<sup>112</sup> Idem. p. 234.

expressão do inautêntico, a cópia que simplesmente seguiria um modelo. Como dirá em carta a Domício Gama:

Em diplomacia somos associados, não somos aliados; temos de formar ao lado dos Estados Unidos, entregar nosso voto a Wilson. Não creio na amizade dos Estados Unidos, filho espúrio de Salvador de Mendonça, criado e chocado pelo Barão, pelo Nabuco, por V.[ocê], talvez por Assis Brasil, que já tem a visão menos turva.<sup>113</sup>

Cabe, após esta carta, uma pequena pausa. Tanto nesta missiva agora citada como na anterior, os Estados Unidos assumem lugar central em uma série de ponderações. Cabe, então, uma análise mais detida, para que este ponto não seja considerado, unicamente, através da consideração e do afastamento de Nabuco e Capistrano.

Como aparece na carta anteriormente citada, “Um capítulo sobre os Estados Unidos é digno de toda atenção. Quanto ao abolicionismo acho uma decepção.” Examinando este capítulo, pode-se compreender porque Capistrano, na missiva endereçada a João Lúcio Azevedo não o ataca imediatamente, mas diz que merece atenção. No capítulo “Influência dos Estados Unidos”, em *Minha Formação*, Nabuco, após considerar a procedência anglo-saxã dos americanos, iniciava um detalhamento acerca das diferenças, para ele gritantes, entre os dois países. Ao considerar as instituições inglesas como possuidoras de “mais dignidade, mais seriedade, mais respeitabilidade”, diz que a “organização americana oferece muito menos garantias de equidade e menor proteção do que a inglesa”. Assim, diz que individualmente o americano será o mais livre de todos os homens, mas como cidadão não possui garantias, por isso, afirma: “o cidadão vale menos nos Estados Unidos do que na Inglaterra”.<sup>114</sup>

Estas considerações levam até outro capítulo do livro. Em Bagehot, também lido e citado por Capistrano, na referida carta, ao analisar as chaves de sistema que caracterizam os principais ganhos de sua leitura, analisa que o equilíbrio entre partes “imponentes” e “eficientes” é a causa da calma do espírito nacional, o fato de caminharem sem perder o equilíbrio. A estabilidade é o que permite construir o argumento e o elogio à forma de governo inglesa. Sem querer aprofundar uma reflexão acerca dos capítulos citados, cabe considerar que, apesar

<sup>113</sup> Carta de Capistrano para Domício Gama (11/11/1916) In: *Correspondência de Capistrano de Abreu* vol.1. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977. p 262.

<sup>114</sup> NABUCO, Joaquim. *Minha Formação*. Brasília: UnB, 1981. p. 112.

das flagrantes diferenças – pelas quais são costumeiramente aproximados – tanto Nabuco como Capistrano mantêm como ponto de contato o elogio da estabilidade.

Isto leva a outro ponto. A constituição de um diálogo entre essas duas narrativas autobiográficas talvez possa servir para a caracterização de duas percepções sobre o modo de articulação de um *self* particular e a ordem social: a de Capistrano, referida a uma concepção de indivíduos auto-orientados e deliberativos e a de Nabuco sustentada em uma concepção de indivíduos mais suscetíveis à troca simbólica, experimentando, portanto, uma identidade menos “dura” e, por isso, mais compatível com experiências de reciprocidade e com a experiência da adaptabilidade.

A diferença entre esses modelos não consiste tanto na oposição entre uma ordem individualista e outra ordem hierárquica, mas sim na oposição entre duas formas, igualmente modernas, de resolução da articulação entre indivíduo e vida coletiva. Do contexto de suas respectivas elaborações autobiográficas, emerge da elaboração de Nabuco um personagem ideal-típico, o cavalheiro, com o qual condensa seu respectivo padrão de individuação, condicionado, a rigor, a um determinado padrão de relação afetiva com o mundo pautada na compaixão. Uma relação afetiva com o mundo, na qual a experiência do outro assume o sentido de um reencontro com uma parte alienada de si, sendo, por isso, um registro adaptativo, moldado, plasticamente, às vicissitudes.<sup>115</sup> Nesse caso, o diálogo com Nabuco é fundamental pois sua adaptabilidade permanente serve de contraponto a maneira como Capistrano constrói sua automodelagem.

Apesar de Nabuco possuir dignidade, faltava-lhe postura aos olhos de Abreu. Falta que aguçava a assimetria entre essência e forma justamente por esta plasticidade que lhe faz expandir a sua relação com o mundo. Esta experiência da adaptabilidade, que Maria Alice Rezende de Carvalho avalia em Joaquim Nabuco, expressa um contraste significativo com a escrita de si de Capistrano de Abreu, que investe, ao contrário, na imagem do intelectual acabado e diferenciado, tanto de um certo grupo de intelectuais quanto de atitudes políticas relembavam costumes do período colonial. O autor dos *Capítulos de História Colonial* tenderia, gradualmente, a manter o distanciamento de um cotidiano político turvo e caracterizado por uma semente de desagregação, reafirmando tanto em seus

---

<sup>115</sup>CARVALHO, Maria Alice Rezende. *O Quinto Século. André Rebouças e a construção do Brasil*. Rio de Janeiro: Revan IUPERJ, 1998. p. 179.

conselhos aos seus correspondentes, como em sua elaboração autobiográfica, uma estratégia de “automodelagem” em que sua postura é mobilizada como forma de não somente “obrar”, mas de manter-se fiel a sua busca por “obrar” segundo suas próprias convicções. Assim, esta postura, calcada na idéia de distanciamento do mundo, não vem atrelada a certa apatia diante da ordem objetiva, mas parece ser, para Abreu, quase condição fundamental para a amplificação da sua capacidade de observação política e conservação de sua singularidade.

Singularidade, tempo histórico e tradição são todos aliados da autenticidade. A pressuposição de que existe uma ordenação do passado capaz de dotar o mundo de significado cuja existência é sempre pressuposta pelos pensamentos ou ações do sujeito fundamenta esta aliança. Particularmente, este vínculo com a autenticidade, no caso do polígrafo Capistrano de Abreu, opta pela tradição enquanto elemento capaz de conferir legitimidade ao conjunto de escolhas no presente, tendo como horizonte comum a nação. Foi esta autenticidade que ampliou o contraste com outros intelectuais e tornou, desta maneira, sua “automodelagem” uma forma endereçada para o mundo.